



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
COLEGIADO DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

LEVI PEREIRA SILVA DOS SANTOS

**UMA ANÁLISE DO SETOR TERCIÁRIO DE POÇÕES, BAHIA,
NO PERÍODO DE 2000 A 2011.**

VITÓRIA DA CONQUISTA,

2013.

LEVI PEREIRA SILVA DOS SANTOS

**UMA ANÁLISE DO SETOR TERCIÁRIO EM POÇÕES, NO PERÍODO
DE 2000 A 2011.**

Trabalho Monográfico apresentado ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito para a aprovação na disciplina Monografia II e obtenção do grau de Bacharel em ciências econômicas.

Orientador: Prof. Msc. Rondinaldo Silva das Almas

VITÓRIA DA CONQUISTA,

2013.

S236u Santos, Levi Pereira Silva dos.
Uma análise do setor terciário de Poções, Bahia, no período de 2000 a 2011 / Levi Pereira Silva dos Santos, 2013.
70f.: il; algumas color.
Orientador(a): Rondinaldo Silva das Almas.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2013.
Referências: f. 60-62.
1. Setor de serviços – Aspectos econômicos. 2. Desenvolvimento regional – Poções-BA. I. Almas, Rondinaldo Silva das. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. III.T.

Elinei Carvalho Santana – CRB-5/1026

Bibliotecária - UESB – Campus de Vitória da Conquista-BA

LEVI PEREIRA SILVA DOS SANTOS

**UMA ANÁLISE DO SETOR DE SERVIÇOS EM POÇÕES, NO
PERÍODO DE 2000 a 2011.**

BANCA EXAMINADORA

**PROF. MSC. RONDINALDO SILVA DAS ALMAS
ORIENTADOR**

**PROF. DR^A. DELZA RODRIGUES DE CARVALHO
EXAMINADOR**

**PROF. MSC. DARCI RODRIGUES ALVES
EXAMINADOR**

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo agradeço ao Senhor, Deus do universo, por fazer da minha vida um instrumento da sua vontade. Agradeço a Ti, Senhor, por tudo que me concedeste, pelas oportunidades e vitórias. Obrigado por me dar forças para superar os maiores obstáculos, e persistência para alcançar um diploma universitário.

Agradeço ao meu orientador Rondinaldo, pelo apoio, pelas sugestões e por tudo.

Agradeço a Professora Andreia pela paciência, pelas correções e por tudo.

Agradeço aos meus pais e familiares e a todos que colaboraram de alguma forma para que eu conseguisse chegar até aqui, pelas palavras de apoio e incentivo, pelas sugestões e críticas, por tudo.

RESUMO

O setor de serviços ganha cada vez mais importância tanto na geração de empregos quanto em participação no PIB. Desta forma, a presente pesquisa, objetiva apontar o papel do setor de serviços na economia de Poções, assim como, se a cidade exerce certa centralidade sobre os municípios ao seu entorno. Aliado a isto, busca-se apontar os subsetores de serviços, segundo a classificação da CNAE (Classificação Nacional de Atividades Econômicas) que são mais dinâmicos, logo os com maior potencial para o desenvolvimento local. Para isto, utilizou-se dos seguintes métodos: Quociente locacional, método estrutural diferencial e índice de terciarização ajustado. A aplicação destes métodos e seus resultados levaram as seguintes conclusões: Poções é especializada em serviços; é centralizada por Vitória da Conquista; centraliza algumas cidades circunvizinhas; e possui algumas atividades de serviços dinâmicas.

Palavras-chave: Desenvolvimento regional, lugar central, aglomerações, setor de serviços. Serviços em Poções. Efeito alocação para Poções.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Composição do PIB mundial em 2010.....	43
Gráfico 2 - Composição do PIB brasileiro de 1950-2002.....	44
Gráfico 3 - PIB baiano segundo setores 2002-2009.....	46
Gráfico 4 - Estrutura do PIB de Poções em 2008.....	47
Gráfico 5 – Número de empregos nos subsetores de serviços em Poções segundo classificação da CNAE.....	48

QUADROS

Quadro 1 – Classificação dos serviços segundo a ONU.....	38
Quadro 2 – Caracterização do efeito alocação para as regiões.....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quociente Locacional para Poções e cidades ao entorno.....	54
Tabela 2 - Quociente locacional da saúde para Poções e cidades ao entorno.....	54
Tabela 3 – Quociente locacional da Educação para Poções e cidades Vizinhas...	55
Tabela 4 - Índice de terciarização ajustado para Poções e cidades ao entorno....	56
Tabela 5 - Efeito alocação para Poções no período 2000-2011.....	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 AS TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL.....	12
1.1 As teorias clássicas da localização.....	12
1.2 A teoria dos lugares centrais.....	14
1.3 Os polos de crescimento de Perroux.....	17
1.4 Os fatores aglomerativos.....	19
1.5 Os Distritos industriais, clusters e arranjos produtivos locais.....	23
CAPÍTULO 2 ANÁLISE HISTÓRICA DO PENSAMENTO ECONÔMICO ACERCA DOS SERVIÇOS, SEUS CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS.....	27
2.1 Os Serviços no pensamento econômico.....	27
2.2 A teoria pós-industrial.....	32
2.3 As teorias industrialistas.....	35
2.4 O conceito de serviços e suas características.....	36
2.5 As atividades de serviços e desenvolvimento econômico regional.....	39
CAPÍTULO 3 O SETOR DE SERVIÇOS E SUA IMPORTÂNCIA PARA A ECONOMIA DE POÇÕES.....	43
3.1 Panorama dos serviços na economia mundial, no Brasil e na Bahia.....	43
3.2 O município de Poções e a estrutura de sua economia	46
3.3 Metodologia.....	49
3.4 A centralidade de Poções.....	53
3.5 O efeito alocação em Poções.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	62
APÊNDICE.....	65

INTRODUÇÃO

Ao longo da história o setor de serviços foi tratado como residual em relação aos outros setores da economia. A partir do século XX, o setor de serviços tem crescido em participação relativa do PIB, fomentando diversas pesquisas na área que enfatizam principalmente sua contribuição para o crescimento e desenvolvimento econômico das nações.

A economia dos serviços através das teorias pós-industrialistas, principalmente a partir de Daniel Bell (1973), desponta como um dos setores mais importantes para o desenvolvimento econômico global, nacional, regional e municipal. Fato este demonstrado através da mensuração do PIB de alguns países, inclusive o Brasil que aponta este setor como o de maior importância na sua composição. Aliado a isto, este setor apresenta importância indiscutível na geração de empregos, tanto formais quanto informais.

Segundo Kon (2004), ao analisar-se o desempenho do produto gerado pelos setores da economia brasileira, percebe-se o papel de complementaridade das atividades de serviços em relação à evolução das outras atividades industriais, em períodos de crescimento econômico, particularmente nos centros polarizadores da economia nacional, e nos períodos de recessão ou estagnação. Assim, a capacidade de ampliação dos serviços representou uma alternativa para parte da população liberada de outros setores cujo número de empregos declinou.

Atualmente, o setor de serviços adquire uma importância cada vez maior dentro da economia. Torna-se ainda mais relevante com o advento da chamada era da informação, sendo extremamente importante para a geração de emprego. Muitas empresas deste setor estão no coração da revolução tecnológica gerada pelas tecnologias de informação e comunicação.

Apesar disto, é uma das áreas da economia bem pouco explorada no Brasil. Logo, trata-se de uma temática importante a ser pesquisada, já que é crescente a participação deste setor no produto gerado, seja em economias em fase de desenvolvimento, seja nas avançadas. Dentro deste cenário, o setor de serviços se expandiu com o crescimento da urbanização, sendo um dos maiores geradores de emprego e renda. Logo, a relevância de se estudar este setor.

Assim sendo, o problema desta pesquisa é qual a importância do setor de serviços para a economia do município de Poções, Tendo as seguintes hipóteses: O setor de serviços é o

grande propulsor da economia de Poções, com atividades dinâmicas; Os serviços públicos apresentam peso significativo dentro do terciário de Poções.

O objetivo geral deste trabalho é apontar o papel que os serviços exercem na economia de Poções e, os objetivos específicos são: apontar se a cidade exerce certa centralidade, tendo vantagens competitivas quanto aos municípios ao seu entorno e quais os subsetores de serviços, segundo classificação da CNAE, que são mais dinâmicos do município.

Com o intuito de uma melhor compreensão sobre o papel dos serviços para a economia de Poções, o presente trabalho está estruturado em três capítulos. No capítulo 1, faz-se uma análise das principais teorias sobre o desenvolvimento regional, considerando desde Von Thunen até a teoria da base de exportação de North. Analisa-se também, as principais teorias das aglomerações. Isto porque, os serviços muitas vezes possuem sua oferta centralizada, podendo levar ao desenvolvimento regional.

No capítulo 2, faz-se uma análise dos serviços dentro do pensamento econômico, partindo dos mercantilistas, passando por Smith, Malthus, Ricardo, Say, Keynes, Shumpeter, até as teorias mais contemporâneas dos pós-industrialistas. Além disto, conceitua-se e caracteriza-se o setor de serviços.

No capítulo 3, busca-se analisar a economia de Poções, apontado a conjuntura do setor de serviços na cidade. Para isto, aplica-se o quociente locacional, o método diferencial estrutural e o índice de terciarização ajustado. Desta forma, correlacionando os teóricos do desenvolvimento regional, com as teorias sobre o setor de serviços, procura-se uma compreensão do papel exercido pelo setor terciário na economia de Poções.

CAPITULO 1 AS TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Neste capítulo procura-se analisar as principais teorias do desenvolvimento regional a fim de que se obtenha uma melhor compreensão do pensamento destes teóricos, assim como as principais questões pertinentes. Para isto, utiliza-se das teorias de Von Thunen, Weber, Losch, Christaller, Perroux, Hirschman, Myrdal, North entre outros.

1.1 As teorias clássicas da localização

Um dos primeiros autores a analisar questões relativas à localização foi Von Thunen (1966 apud BRUE, 2006). Segundo ele, existe uma substancial importância entre a localização das atividades produtivas e seus centros consumidores, ou seja, com o mercado em que os produtos são vendidos. Assim, ele desenvolveu uma teoria para a produção agrícola, conhecida como anéis de Von Thunen, segundo a qual, supondo-se um estado isolado, existiriam

vários cinturões concêntricos, cada um dedicado a um tipo específico de uso agrícola, desenvolvem-se ao redor da cidade central. Quanto mais distante o cinturão estiver da cidade, menos intensa será a produção, menos perecível será o produto e maior será a possibilidade de a mercadoria suportar os custos com transporte (BRUE, 2006, p. 227).

Os principais pressupostos desta teoria são: inexistência de monopólio; a livre entrada nas atividades agrícolas; a produção apresenta retornos constantes de escala; os coeficientes de produção são fixos; as terras homogêneas; e os preços são determinados na cidade. Outro ponto chave é que o mais importante não é a fertilidade do solo, mas a distância com relação ao centro (MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

Este pensamento de Thunen pode ser aplicado a muitas atividades produtivas atuais, que devido à dificuldade de transporte ou à perecibilidade e os custos, necessitam ficar próximos aos mercados em que são comercializados. Um exemplo são as fábricas de cimento que dada à dificuldade e os custos de transporte, precisam ficar próximas às minas.

Alfred Weber (1909 apud MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011) criou uma teoria da localização que apresenta algumas semelhanças com a de Thunen, mas voltada para a indústria. Esta teoria foi chamada de triângulos de Weber, na qual ele argumenta que a decisão sobre em que lugar deve existir atividades industriais leva em consideração o custo da mão-de-obra, dos transportes e o contexto local, com seus potenciais e problemas, além de questões relativas à aglomeração e desaglomeração.

A ideia central da teoria de Weber é que as firmas procuram reduzir seus custos de transporte o máximo possível, e buscam se instalar o mais perto possível da fonte de suas matérias-primas ou insumos. Isto ocorre, pois, muitas vezes, o custo do transporte de produtos acabados é inferior ao custo em se transportar os insumos (1909 apud MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

Outra característica do modelo de Weber é que os preços são determinados pelo mercado, a função de produção possui coeficientes fixos e a localização é a única variável. Assim, para a firma obter vantagens ou lucros extraordinários, ela terá que utilizar-se do fator locacional, para alcançar uma posição privilegiada.

Auguste Losch (1940 apud MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011) elaborou uma teoria em que existe uma hierarquia entre áreas de mercado, um monopolista atuando num mercado bem organizado, com demandantes equitativamente distribuídos no espaço e um produto que apresenta alguma elasticidade-preço. Deste modo, os Cones de Losch, nome pelo qual ficou conhecida esta teoria, centram-se sobre a ideia de que quanto mais distante do mercado consumidor, maior será o preço do produto, devido ao fato de custos maiores. Assim, tem-se que algumas áreas são mais lucrativas que outras, logo, existirá uma hierarquia. Deste modo, uma firma deve optar por instalar-se próximo aos centros onde vende suas mercadorias.

A elasticidade-preço do produto alta, segundo Losch, determina que alterações no preço do produto levam a reduções substanciais e rápidas da quantidade demanda, à medida que a distância aumenta. Desta forma, os bens que possuem menor custo de transporte e pouca sensibilidade às alterações nos preços tendem a dominar as áreas de mercado mais vantajosas (1940 apud MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

Segundo Losch (1940), a abrangência das áreas de mercado será maior ou menor em proporção a densidade da demanda, aos custos de transporte e à elasticidade preço. Assim, devido às especificidades de cada região, deveriam existir áreas de mercado com variados tamanhos para as diferentes mercadorias no espaço urbano. Para Monasterio,

retomando as principais intuições de Lösch, tudo mais constante, as áreas de mercado serão tão maiores quanto menores forem a densidade da demanda, a elasticidade-preço e os custos de transporte. Como essas características são específicas de cada bem ou serviço, deveria haver centros e áreas de mercado de todos os tamanhos para cada produto. Para chegar a um sistema urbano geral, Lösch tem que impor outras restrições que permitam limitar o número de centros e sua distribuição no espaço (MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011, p. 62).

Outro ponto de destaque do pensamento de Losch é que, mesmo que certas atividades produtivas não apresentem uma localização ideal em determinado centro ou espaço, elas poderão obter as vantagens das economias externas de urbanização. Estas são resultantes do crescimento do espaço urbano e das obras de infraestrutura. Desta forma, as empresas procuram se adaptar a realidade que encontram nas diferentes classes de cidades (1940 apud MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

Uma semelhança entre o pensamento de Losch (1940) e o de Thunen (1966) é a possibilidade de concentração da produção, mesmo em espaços iguais, devido à existência dos retornos crescentes de escala dentro do processo produtivo. Estes ganhos de escala podem ser resultantes da proximidade física aos fornecedores e clientes, o que reduz certos custos; ao conhecimento compartilhado entre os agentes; e ao surgimento de mercados de trabalho grandes e com mão-de-obra especializada (LIMA; SIMÕES, 2010).

Walter Isard elaborou sua teoria tendo como principal variável da escolha locacional, assim como Weber, o custo dos transportes. Desta forma, a distribuição no espaço geoeconômico das atividades produtivas é determinada pelo custo ou tarifa incidente sobre o insumo transporte (1956 apud CLEMENTE; HIGACHI, 2000).

Outro aspecto do pensamento de Isard é o papel das distâncias na determinação dos preços nas diferentes regiões. Segundo ele,

se há algum sentido no estudo da economia da localização, isso se deve ao fato existirem certas regularidades nas variações de custos e preços no espaço. Estas regularidades emergem fundamentalmente porque o custo do transporte é uma função da distância. Se não fosse assim (...) o padrão de distribuição espacial da indústria, dos centros de consumo e da produção de matérias-primas seria completamente arbitrário do ponto de vista econômico (ISARD, 1956, p. 25 apud CLEMENTE; HIGACHI, 2000, p. 114).

Diante disto, percebe-se que a localização espacial é uma variável determinante para a existência das atividades econômicas. Isto porque, além do custo de transporte ser decisivo para a viabilidade dos empreendimentos, a proximidade das fontes de insumos e dos mercados consumidores possui um papel importante para o êxito empresarial.

1.2 A teoria dos lugares centrais

Walter Christaller buscou responder questões que ainda nos dias atuais são polêmicas. Ele questionou o que explica o tamanho, a distribuição e o número das cidades. Disto, ele derivou o termo lugar central. Aliado a isto, buscou determinar a forma das áreas de mercado

em que todos os consumidores são atendidos simultaneamente, especificamente se minimizam a distância com relação às firmas (1933 apud MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

Para compreender melhor as áreas no território, ele as dividiu em hexágonos. Quando as empresas se aproximam para atender aos mercados, formam-se fronteiras lineares. Assim, “esses hexágonos têm a propriedade de minimizar o número de ofertantes necessários para cobrir integralmente a área. O território seria, dessa forma, coberto pelos ladrilhos hexagonais das áreas de mercado” (MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011, p. 56).

Analisando este raciocínio, os hexágonos seriam lugares centrais que podem ser formados ao longo do espaço territorial, para fornecer bens e serviços a determinado público alvo. Desta forma, reduz-se o número de ofertantes ao mínimo necessário para cobrir certa fatia de mercado, atendendo a maior quantidade de consumidores possível.

A extensão do espaço abrangido pelo mercado dependerá segundo Christaller, dos custos em se transportar as mercadorias e da elasticidade-preço do bem em questão. Disto, surge uma relação inversa entre área de mercado e custos de transporte, pois, quanto maiores os custos de transporte e a elasticidade-preço, menor deverá ser a extensão dos hexágonos e vice-versa (1933 apud MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

Outro aspecto relevante segundo Christaller, é que o centro da oferta de bens e serviços difere do centro geográfico. Assim, em muitos casos o ponto geográfico central não será necessariamente o local com maior oferta de bens e serviços, ou terá o dinamismo mais significativo. Aliado a isto, a distância econômica impera, sendo o custo do frete determinante para a viabilidade de certo produto (1933 apud CLEMENTE; HIGACHI, 2000).

Christaller elaborou três princípios que norteiam a ocupação espacial urbana: a minimização dos custos de transporte para os consumidores; o número de centros; e o número das fatias de mercado compartilhadas por mais de um ofertante. Para a perfeita execução destes princípios, os hexágonos se apresentam de forma ideal (1933 apud MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

A redução do número de centros ao patamar ótimo (ou princípio de mercado) determina a existência de um produtor de ordem superior que se impõe aos demais produtores, dominando a integralidade do mercado sob sua área de abrangência. Logo, este grande produtor possui o poder de influência sobre os demais produtores, o que controla ao máximo o número de possíveis centros.

Os produtos são disponibilizados no mercado, segundo Christaller, de acordo com sua centralidade. Aliado a isto, existe uma relação inversa entre a centralidade e área de mercado.

Quanto mais central um produto, menor será sua disponibilidade. Logo, alguns produtos acabam por ser ofertados apenas em determinados locais (1933 apud CLEMENTE; HIGACHI, 2000).

O princípio do transporte visa a uma distância ótima entre os centros, levando os fornecedores ou ofertantes de ordem inferior a se localizarem a uma distância média entre os pontos que correlacionam os centros de ordem superior. Isto tem por objetivo a redução dos custos de transporte e a conseguinte obtenção de vantagens (MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

O insumo transporte é o custo dos recursos necessários para que determinada mercadoria seja transportada, superando a barreira da distância entre as regiões. É o esforço necessário para transportar uma unidade de certo bem por determinado percurso. Deste modo, quando uma indústria escolhe em que lugar se localizar, procura otimizar os custos de transporte com a matéria-prima e com as mercadorias (CLEMENTE; HIGACHI, 2000).

O preço e as economias de escala são determinantes do tamanho das áreas de mercado. Assim, o preço alto ou grandes economias de escala, reduz a importância da distância econômica ou do custo de acesso a determinados locais. Em outras palavras, torna-se viável a oferta de certos bens por grandes áreas, pois o custo de transporte pode ser repassado num preço mais alto ou compensado pelas economias de escala (CLEMENTE; HIGACHI, 2000).

Diante disto, percebe-se que determinados bens, quando comparados a outros, apresentam áreas maiores, pois seu custo de transporte é compensado pelas vantagens de se produzir em larga escala, ou por este bem apresentar um preço maior, repassando assim, para o consumidor, os custos de acesso ao mercado em questão.

A centralidade, segundo Christaller, é resultado da chamada hierarquia dos lugares, na qual os locais com maior oferta de bens e serviços tornam-se centros de referência para os locais com menor oferta de produtos. As áreas centrais são chamadas de regiões complementares, pois oferecem um complemento à oferta de bens e serviços de outras regiões. O lugar central oferece a totalidade dos produtos encontrados nos locais que apresentam menor centralidade e mais uma série de produtos adicionais, não encontrados nestes (1933 apud CLEMENTE; HIGACHI, 2000).

Outra característica da centralidade é que, quando os bens ofertados são serviços, a economia de escala é decisiva para a definição da área de mercado. Entretanto, isto também se verifica para outros bens, pois as economias de escala das empresas distribuidoras também são determinantes para a área de mercados destes (CLEMENTE; HIGACHI, 2000).

Christaller construiu um modelo gravitacional para as regiões ou localidades, na qual a intensidade dos fluxos e o indicador do tamanho dos lugares determinam a centralidade de determinado local, ou seja, os centros menores gravitam ao redor dos centros de maior intensidade (1933 apud CLEMENTE; HIGACHI, 2000).

1.3 Os polos de crescimento de Perroux

François Perroux utilizou-se dos conceitos de inovações de Shumpeter e buscou conhecer como determinadas indústrias, chamadas por ele de motrizes, conseguem impulsionar outras indústrias. Deste modo, algumas atividades produtivas conseguem ter encadeamentos com outras atividades, apresentando um efeito dinâmico sobre estas. Em outras palavras, o crescimento de uma indústria motriz induz a expansão, tanto quanto ou em proporção superior às indústrias movidas (1955 apud MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

As atividades produtivas motrizes apresentam a capacidade de ampliar as vendas de bens e serviços de outras atividades produtivas. Assim, estas indústrias possuem a capacidade de estimular o desenvolvimento da região em que estejam instaladas. Isto porque, favorecem com seu crescimento a elevação das vendas de outras empresas e desta forma, ao dinamismo da região.

Perroux refuta a ideia de que o crescimento não ocorre de forma igual ou homogênea no espaço, mas sim de modo heterogêneo. O que implica na existência de regiões com um dinamismo econômico maior do que outras. A estas regiões, ele denominou de polos de crescimento, que são locais que apresentam níveis de intensidade e distribuição variáveis pela economia. Ele argumenta que

o fato rude mas verdadeiro é o seguinte: o crescimento não aparece simultaneamente em toda parte. Ao contrário, manifesta-se em pontos ou polos de crescimento, com intensidades variáveis, expande-se por diversos canais e com efeitos finais variáveis sobre toda a economia (PERROUX, 1955, p. 100).

Diante disto, ele defende a ideia de que as formas de polarização podem induzir ao desenvolvimento regional. Pois, quando existe uma articulação e encadeamento entre as indústrias que se beneficiam da proximidade ocorrente entre se e exploram de modo ótimo os potenciais da região.

Monasterio e Cavalcante (2011) apontam que existiriam variadas formas de constituição de polos de crescimento no pensamento de Perroux. Segundo eles,

haveria quatro diferentes formas de polarização por meio das quais as indústrias motrizes induziriam o desenvolvimento regional: i) técnica; ii) econômica; iii) psicológica; e iv) geográfica. A polarização técnica refere-se aos efeitos de encadeamento entre a indústria motriz e outras empresas. Já a geração de emprego e renda decorrente da implantação da indústria motriz seria incluída na polarização econômica. A polarização psicológica, por sua vez, associa-se aos investimentos decorrentes do clima de otimismo gerado pelo sucesso da indústria motriz. Por fim, a polarização geográfica refere-se aos impactos nos sistemas urbanos do desenvolvimento da cidade onde se localiza a indústria motriz; esses impactos levariam à minimização dos custos de transporte e à criação de economias externas e de aglomeração (MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011, p. 66).

A indústria motriz tem o potencial de agregar certo valor ao produto da economia e também de estimular e favorecer as empresas movidas, com as quais mantém relações. Logo, ela exerce um papel de motor, daí o termo motriz, pois consegue impulsionar a produção ou o ritmo das atividades produtivas das empresas situadas ao seu redor através de seu crescimento (MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

Perroux aponta que os lucros de uma empresa ou firma, em alguns casos não dependem exclusivamente de suas vendas e compras, mas das vendas e compras de outras empresas no mercado. Assim, segundo ele na indústria motriz

os lucros, em lugar de serem formados através das decisões de cada firma, no tocante às suas compras e vendas de bens e serviços, são induzidos pelas compras e vendas de bens e serviços da outra firma. Na medida em que o lucro seja o motor da expansão e do crescimento capitalista, a ação motriz não mais decorre da procura e da aquisição dos lucros por cada firma individual ligada as outras pelo preço único, mas da procura e da aquisição dos lucros pelas firmas individuais, cada uma das quais arca com as consequências do nível de vendas, [...] da técnica adotada pelas outras (PERROUX, 1955, p. 101).

O Estado pode criar mecanismos que favoreçam o surgimento de polos de crescimento, através da subvenção. Isto, devido ao fato dos polos terem a capacidade de irradiar e influenciar o crescimento ao seu redor. Logo, muitos países optaram por implantar estratégias de desenvolvimento regional com base nos polos. Segundo ele,

sabe-se de algum exemplo, em qualquer lugar da terra, de crescimento e desenvolvimento onde estes processos ocorreram sem a presença e os efeitos de centros de desenvolvimento, territorializados ou não? (PERROUX, 1988, p. 48-76 apud MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011, p. 68).

Diante disto, percebe-se que Perroux defende os polos de crescimento como principal mecanismo para o desenvolvimento de determinada região. Mas para que estes polos tenham êxito, dependem da existência de encadeamentos entre as indústrias e a localidade, pois se não existir articulação, dificilmente ocorrerá à existência de indústrias motrizes e movidas.

A indústria motriz afeta o produto da economia e as expectativas dos agentes. Uma vez que, os agentes, ao realizarem os investimentos, assumem riscos dentro de certo cenário econômico, e quando obtém êxito em seus planos, fazem surgir uma expectativa criativa. Aliado a isto,

uma vez que a indústria nova esteja incorporada a economia, sua ação sobre o produto global, de período a período, pode, igualmente, ser observada analiticamente, distinguindo-se: 1) sua participação no produto global (a dimensão do seu produto no produto global); 2) o suplemento de produto que, de período a período, ela induz em seu ambiente. Como uma indústria nova não aparece geralmente isolada, como os crescimentos das indústrias novas são galopantes, o aumento do produto global depende: a) dos níveis dos produtos adicionais próprios das indústrias novas tomadas em conjunto e b) dos níveis dos produtos adicionais induzidos das indústrias novas tomadas em conjunto (PERROUX, 1955, p. 102).

Outro aspecto relevante da indústria motriz é que, quando não são monopólios, possuem a capacidade de, em seu nível ótimo de produção e vendas, reduzir seus preços, elevando o nível de vendas das indústrias movidas. Assim,

ela tem interesse em fazê-lo, precisamente se tiver conhecimento das consequências que serão trazidas pelo aumento das vendas e abatimento no preço. O aumento de vendas das indústrias motrizes pode, portanto, resultar de uma expectativa dos efeitos gerados sobre as indústrias movidas, ou de um estímulo do estado sob a forma de subvenção, por exemplo, no caso de haver hesitação ou lentidão por parte dos dirigentes das indústrias motrizes (PERROUX, 1955, p. 103).

Portanto, Perroux parte do pressuposto de que o desenvolvimento regional pode ser promovido pela instalação de uma indústria motriz, que impulse outras atividades com as quais ela possua encadeamentos produtivos e explore os potenciais locais, ampliando o ritmo das atividades e do nível de emprego e renda na região. Partindo disto, na próxima seção, analisam-se outras teorias que tem como base a aglomeração.

1.4 Os fatores aglomerativos

Gunnar Myrdal (1997) defendeu a ideia de que existe uma causalção circular acumulativa, na qual ocorre uma tendência para a acumulação de recursos em determinada região em detrimento de outras, levando às desigualdades. Pois, um surto de crescimento em certa região, atrairia recursos produtivos das outras regiões. Assim:

o desenvolvimento econômico de uma região pode ter efeitos perversos no desenvolvimento de outras. Este efeito operaria especialmente através do deslocamento de fatores de produção — capital e trabalho — de regiões de desenvolvimento lento para regiões de desenvolvimento acelerado.

Ultrapassando o ritmo das regiões vizinhas, o desenvolvimento econômico de uma região desencadearia o “efeito backwash”: a diferença tenderia a se ampliar provocando o alargamento do fosso dos desequilíbrios regionais (MYRDAL, 1997, p. 7).

Monasterio e Cavalcante (2011) apontam que ocorre um fluxo de recursos das regiões menos dinâmicas para aquelas com maior ritmo das atividades produtivas. Em outras palavras:

os negócios ali implantados ampliariam o mercado para novos empreendimentos que, por sua vez, gerariam mais lucro e mais poupança e, em consequência, outra rodada de investimentos. A migração seletiva pode reforçar ainda mais essa tendência, uma vez que os imigrantes seriam os mais empreendedores e capazes, ao passo que as regiões perdedoras tenderiam a reter os trabalhadores menos produtivos. Também em relação ao capital, o sistema bancário o fará fluir das regiões estagnadas para as regiões dinâmicas, ampliando a desigualdade regional. (MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011, p. 69)

Outro aspecto que pode acirrar e favorecer a aglomeração de recursos produtivos e capital numa região é a intervenção do Estado. Este, através da redução de impostos numa região, torna-a mais atrativa que as outras regiões, nas quais a taxação continua a mesma e muitas vezes se eleva. Desta forma ocorre a migração do capital das áreas menos desenvolvidas para os centros com maior dinamismo e desenvolvimento. (MYRDAL, 1997)

Um fator que ampliaria a desigualdade são os serviços públicos de educação e saúde que tendem a possuir maior qualidade nas regiões mais dinâmicas, o que por sua vez atrairia mais indivíduos em busca de uma melhor qualidade de vida e oportunidades de trabalho. Aliado a isto, os empresários podem ampliar seus investimentos produtivos nestes locais, visando aproveitar a infraestrutura e os recursos produtivos existentes.

Hirschman (1961 apud MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011) diferentemente de Myrdal (1997), considera que as desigualdades regionais são uma necessidade e não algo nocivo, que necessite de correção. Para ele, as disparidades são quase que um requisito para o processo de desenvolvimento. Os desequilíbrios são parte do processo de crescimento econômico e, assim, uma alternativa para as regiões periféricas, para que potencializem seus recursos escassos.

A economia para conseguir níveis mais altos de crescimento e renda irá constituir centros dinâmicos regionais fortes, com certa polaridade. Apesar disto, acarreta uma elevação das desigualdades. Hirschman argumenta que

a necessidade do surgimento de pontos de crescimento ou polos de crescimento durante o processo de desenvolvimento significa que as desigualdades internacionais e inter-regionais de crescimento são condição

inevitável e concomitante ao próprio processo de crescimento (HIRSCHMAN, 1961, p. 183-201).

A complementaridade entre as áreas é analisada como principal forma de beneficiar as regiões menos dinâmicas, pois propiciaria a redução do desemprego e também a compra de bens oriundos destes locais. Desta forma, existiriam efeitos para frente e para trás, mas, os efeitos negativos seriam minimizados pelos positivos. Aliado a isto, segundo ele, os efeitos para frente e para trás expressariam externalidades ocasionadas pela instalação de uma indústria, que por sua vez, elevaria a demanda por insumos locais, tornando viável a produção em escalas mínimas na região (MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

Segundo Hirschman (1961), a polarização, embora coloque explicitamente em um maior dinamismo os polos, afeta o restante da economia, podendo trazer um maior ritmo às atividades produtivas. Assim:

não importa quão forte e exagerada seja a preferência espacial dos agentes econômicos, uma vez que o crescimento se fortaleça em parte do território nacional, obviamente coloca em movimento certas forças que atuam nas partes restantes (HIRSCHMAN, 1961, p. 183-201).

Hirschman ressalta o papel do intervencionismo para os países menos desenvolvidos, nos quais o processo industrial é menos espontâneo e mais refletido. Ele aponta também que os benefícios da superação dos atrasos econômicos superam os custos, logo, políticas neste sentido são totalmente justificáveis e podem apresentar boa viabilidade. Neste contexto, o planejamento exerceria um papel decisivo para o sucesso de tais políticas (1961 apud MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

Diante disto, Hirschman aponta os investimentos públicos como principal mecanismo para propiciar o crescimento de áreas atrasadas. Mas nos países subdesenvolvidos, na maior parte das vezes, os investimentos estatais são dispersos em um grande número de projetos, que em sua maioria não apresentam resultados promissores. Apesar disto:

a alocação regional de investimentos públicos é a maneira mais óbvia pela qual a política econômica influencia as taxas de crescimento das diversas regiões de um país. Podem-se divisar três padrões principais de alocação: dispersão, concentração em áreas de crescimento e tentativas de promoção do desenvolvimento em áreas atrasadas (HIRSCHMAN, 1961, p. 183-201).

A teoria da base exportadora de Douglass North (1959 apud MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011) difere do pensamento de Myrdal e de Hirschman, pois ele argumenta que a forma como ocorreu o desenvolvimento regional na Europa, não se aplica a realidade Americana. Uma vez que, cada região apresenta seu contexto econômico, suas peculiaridades e suas respectivas especificidades.

North (1955) aponta que a sequência de estágios de desenvolvimento, quando comparada à realidade americana, apresenta muitas disparidades. Segundo ele, existem duas objeções básicas:

(1) estes estágios apresentam pouca semelhança com o desenvolvimento real das regiões. Não são capazes, sobretudo, de fornecer qualquer indicação sobre as causas do crescimento e da mudança. Uma teoria do crescimento econômico regional deveria, claramente, concentrar-se nos fatores críticos que promovem ou impedem o desenvolvimento.

(2) Além disso, se desejamos um modelo normativo de como as regiões deveriam crescer com o objetivo de analisar as causas da estagnação ou decadência, então essa sequência de estágios é de pouca utilidade e de fato enganadora, pela ênfase que coloca na necessidade da industrialização (e nas dificuldades de promovê-la) (NORTH, 1955, P. 243-258).

North pauta sua teoria sobre o pressuposto do surgimento de uma atividade produtiva dinâmica e de exportação, a qual deve aproveitar as especificidades que o fator locacional proporcione. Em outras palavras, a região deve apresentar a produção de algo que utilize insumos em sua maioria locais, criando-se uma base de exportação para os bens produzidos localmente e, deste modo, através dos encadeamentos produtivos, surge à possibilidade do desenvolvimento regional (1959 apud MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

Tiebout critica o pensamento de North, pois a base de exportação depende dos limites da região, o que levaria muitas exportações a ser simplesmente o comércio interno, e argumenta que a expansão do nível de renda regional é muito mais significativa para o desenvolvimento do que a base de exportação. Isto porque, com mais renda, as atividades internas não dependeriam tanto das exportações e se ampliaria o comércio interno, elevando assim o ritmo total da produção regional (1956 apud MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

Segundo North, o argumento de Tiebout (1956) não é incorreto, mas sua teoria se refere ao crescimento econômico de longo prazo. Assim:

enquanto o estudo da determinação da renda a curto prazo se refere a taxa de utilização dos fatores produtivos, o estudo do crescimento a longo prazo diz respeito aos determinantes da eficiência em mudança e a imigração de trabalho e capital para uma área. As variáveis usadas na análise da renda são de uso limitado no estudo do crescimento a longo prazo (NORTH, 1955, P. 243-258).

North questiona o pressuposto da especialização na produção de bens agrícolas, pois se o que imperar for grandes propriedades agrícolas, os pequenos produtores irão produzir para a subsistência e os grandes agricultores irão importar bens manufaturados de luxo. Desta forma, a produção de mercadorias manufaturadas ficaria restrita e a região sofreria em

determinado momento como a estagnação (1959 apud MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

Outro aspecto destacado por North é que não existe uma região ideal, sendo que a importância ou utilidade de uma região depende de sua especialização. Deste modo:

o significado da região baseia-se no fato de ser ela uma parte especializada do todo. Se o tamanho da região deve ser limitado por suas características econômicas individuais, então o conceito de uma área geograficamente contígua, mantida integrada pelo seu desenvolvimento em torno de uma base de exportação comum constitui um útil fundamento básico de classificação (NORTH, 1955, p. 243-258).

O crescimento da renda e da população, segundo North, possibilita a produção de bens e serviços que eram anteriormente importados. Pois, ocorre a elevação do poder aquisitivo e a formação de um mercado consumidor mais forte. No entanto, a base de exportação apresenta um papel decisivo para este fim.

1.5 Os Distritos industriais, clusters e arranjos produtivos locais

Os distritos industriais são agrupamentos de empresas que cooperam entre si, possuem encadeamentos produtivos, usufruem das vantagens da proximidade, da mão-de-obra especializada e das economias de escala. Segundo Alfred Marshall (1996, p. 320)

são tais as vantagens que as pessoas que seguem uma mesma profissão especializada obtêm de uma vizinhança próxima, que desde que uma indústria escolha uma localidade para se fixar, aí permanece por longo espaço de tempo. Os segredos da profissão deixam de ser segredos, e, por assim dizer, ficam soltos no ar, de modo que as crianças absorvem inconscientemente grande número deles. Aprecia-se devidamente um trabalho bem-feito, discutem-se imediatamente os méritos de inventos e melhorias na maquinaria, nos métodos e na organização geral da empresa. Se um lança uma ideia nova, ela é imediatamente adotada por outros, que a combinam com sugestões próprias e, assim, essa ideia se torna uma fonte de outras ideias novas. Acabam por surgir, nas proximidades desse local, atividades subsidiárias que fornecem à indústria principal instrumentos e matérias-primas, organizam seu comércio e, por muitos meios, lhe proporcionam economia de material.

Marshall argumenta que num distrito industrial, as empresas podem se beneficiar das economias de escala, uma vez que em conjunto, estas podem negociar contratos mais vantajosos com os fornecedores, podem aproveitar a mão-de-obra especializada, cooperar e reduzir seus custos. Em outras palavras,

as principais vantagens da produção em massa são a economia de mão-de-obra, a economia de máquina e a economia de materiais: mas a última destas rapidamente vai perdendo importância relativamente às duas outras. É

verdade que um trabalhador isolado por vezes desperdiça uma certa quantidade de pequenas coisas que teriam sido coletadas e aproveitadas numa fábrica, mas semelhante desperdício é raro numa manufatura localizada, mesmo que ela esteja em mãos de pequenos industriais. (MARSHALL, 1996, p. 327)

Becattini (1994 apud BARROS; SILVA; SPINOLA, 2005)), um autor mais contemporâneo, defende a ideia de que o distrito industrial constitui-se numa organização localizada em certo espaço, com participação intensa de indivíduos e empresas. Segundo o autor, cria-se uma “osmose” entre as firmas e a sociedade, ou a comunidade local.

Araújo (1999) apresenta um pensamento parecido com o de Becattini (1994). Ele argumenta que a característica distintiva entre o distrito e um cluster industrial, é a formação de redes, a cooperação e os encadeamentos em nível muito superior ao verificado num cluster. Nas palavras do autor:

os verdadeiros distritos proporcionam benefícios para as empresas localizadas neles e para a região através das externalidades geradas pela ação conjunta, propiciam maior competitividade das empresas em comparação com as firmas que atuam isoladamente. As firmas trabalham inter-ligadas e isso leva a um treinamento da mão-de obra que promove, ao mesmo tempo, acumulação e fluxos de conhecimento, reduz os custos de transação, além de aumentar o emprego e a renda. (ARAÚJO, 1999, p. 21)

Ao longo dos últimos anos surge uma nova concepção sobre a localização industrial. Nesta, o espaço passa a ser analisado como um grande processo produtivo, no qual as organizações buscam ficar próximas, localizadas em certas regiões. O foco transfere-se da empresa isolada para o conjunto de empresas instaladas num mesmo território (VALE; CASTRO, 2010). Desta forma, analisa-se nos próximos parágrafos, o conceito e as características dos Clusters.

A competição cada vez mais acirrada entre as empresas leva à necessidade de cooperação e formação de redes, a fim de que as firmas sejam mais competitivas. Isto a partir da formação de encadeamentos produtivos estratégicos, com o intuito de elevar o nível de competitividade (KELLER, 2008).

Segundo Keller, o cluster é uma aglomeração de firmas concentradas em determinado local e ligadas a um setor produtivo. Aliado a isto, a aglomeração contribui para que as pequenas e médias empresas consigam superar certos obstáculos ao seu crescimento, pois em conjunto possuem um poder de barganha maior (KELLER, 2008).

Araújo (1999) afirma que o cluster constitui-se de um conjunto de firmas com um significativo nível de encadeamentos e interações. Para isto, pode ocorrer a subcontratação, a

complementaridade e a cooperação entre as empresas. Desta forma, as empresas poderão se especializar na produção de certos bens ou em etapas da produção destes.

As firmas em um cluster podem trabalhar cooperando entre si, com o intuito de elevar o valor agregado do produto que fabricam e aproveitar do modo mais eficiente, a matéria-prima. Desta forma podem reduzir seus custos e incorrer em economias de escala. Pois, devido ao fato de que juntas as empresas possuem um poder de negociação mais significativo. Amorim conceitua um cluster como um

conjunto de firmas operando em nível de harmonia, com cada uma (ou algumas) das firmas envolvidas em estágios distintos da produção de um dado produto ou serviço. Dessa forma, acima de tudo, cluster implica em divisão do trabalho entre as firmas que operam em um ambiente social que encoraja práticas cooperativas e onde prevalece a maturidade das instituições que lhe dão suporte (1998, p. 25 apud ARAÚJO, 1999, p. 8).

Outra característica do cluster, segundo Araújo, é que normalmente as empresas em um cluster são responsáveis por etapas do processo produtivo, especializando-se em partes deste. Isto implica que os produtores separadamente, não possuirão toda a estrutura necessária à produção do bem. Mas se beneficiarão do fato de estarem próximos e irão produzir apenas partes do bem (ARAÚJO, 1999).

Neste cenário, o cluster pode ser apontado como uma alternativa para o desenvolvimento de uma região, pois permite que em conjunto os empresários locais aproveitem os potenciais existentes e sejam mais competitivos no mercado, usufruindo de economias de escala e tendo um poder de barganha maior.

Outra teoria do desenvolvimento regional endógeno utiliza-se do termo “arranjos produtivos locais”, que diferentemente dos clusters e distritos industriais, caracteriza-se por constituir-se de fornecedores que se situam nas proximidades da empresa líder do arranjo. Apresentam a inovação, a interação, a aprendizagem e a difusão do conhecimento, como potenciais mais significativos (VECCHIA, 2006).

Segundo Vecchia (2006), a consolidação dos arranjos produtivos deve proporcionar substanciais vantagens para empresas e para a região, como por exemplo, a elevação do nível de emprego e renda. Esta pode induzir o desenvolvimento regional. Aliado a isto,

as aglomerações podem apresentar diferentes configurações produtivas, institucionais e organizacionais específicas às regiões, tal como agentes de diversos tamanhos de um ou mais setores da atividade econômica e a presença de organizações tecnológicas e de coordenação, caracterizando estruturas com diversos graus de densidade. (VECCHIA, 2006, p. 37)

Portanto, um distrito industrial apresenta como características a interação interfirmas, os encadeamentos e a cooperação na produção. Pode ser apontado como um cluster bem evoluído. Já os APL (Arranjo Produtivo Local), são organizações nas quais algumas empresas fornecedoras orbitam a empresa líder. Entre todas estas formas de aglomeração, os distritos industriais são os mais representativos para o desenvolvimento regional, pois podem levar a encadeamentos produtivos que propiciariam a elevação do nível de emprego e renda local, estimulando o consumo e os investimentos regionais.

Diante disto, parte-se agora para uma análise do setor de serviços, pois este apresenta grande representatividade nos principais indicadores econômicos, como o PIB, os empregos por setor produtivo e, através dos encadeamentos produtivos e exploração dos potenciais locais, pode levar ao desenvolvimento regional. Assim, no próximo capítulo, analisam-se os serviços na história do pensamento econômico, seus principais conceitos e características.

CAPITULO 2: ANÁLISE HISTÓRICA DO PENSAMENTO ECONÔMICO SOBRE OS SERVIÇOS, CONCEITOS E CLASSIFICAÇÕES.

Os serviços foram analisados de diferentes formas quanto à sua importância ao longo do pensamento econômico. Inicialmente foram considerados como atividades improdutivoas por alguns economistas, dada a sua intangibilidade, e só eram consideradas produtivas, as atividades que gerassem algo tangível. Posteriormente, outros economistas apresentaram concepções diferentes, apontando os serviços como atividades produtivas. Neste capítulo, analisam-se as concepções das diversas correntes teóricas acerca do setor de serviços, seus conceitos e classificações. Isto, a luz das obras de Smith, Ricardo, Malthus, Say, List, Shumpeter, Kon, Bell entre outros.

2.1 Os Serviços no pensamento econômico

Os mercantilistas mais antigos classificavam a riqueza como metais preciosos e o faziam, entre outras razões, porque o ouro e a prata eram bens quase imperecíveis, deste modo estocáveis. Pensavam que a ampliação da riqueza nacional era função direta do acúmulo de metais preciosos, mediante saldos positivos na balança comercial. Isto, na medida em que estes saldos se materializavam sob a forma de maiores reservas nacionais de metais nobres (ALMEIDA, 1997).

Os serviços, deste modo, são considerados como improdutivoas, uma vez que os mercantilistas chegam à conclusão de que só as atividades voltadas para a exportação deveriam ser consideradas produtivas. Segundo os mercantilistas os serviços cresceriam geralmente a reboque dos setores ditos produtivos isto é, da agricultura e indústria. No entanto, o turismo seria um desses casos excepcionais. Este seria capaz de dinamizar a economia.

Os fisiocratas do século XVIII refutavam a ideia de que as atividades realmente produtivas eram a agricultura e mineração, pois no limite, somente o solo produzia algo de novo, logo, só as atividades agrícolas deveriam ser consideradas como realmente produtivas. François Quesnay e seus companheiros consideravam estéril qualquer trabalho no qual ocorresse apenas à transformação dos objetos em outros objetos, que não se cria algo de novo, no sentido estritamente do tangível (ALMEIDA, 1997).

Segundo eles, os outros setores da economia não faziam nada mais do que dar uma nova forma à matéria, produzida milagrosamente pelo solo. Portanto, tinham uma posição diferente dos mercantilistas quanto à atividade realmente produtiva, mas assim como eles não consideravam os serviços como um setor importante para a economia de uma nação.

Adam Smith (1991 apud ALMEIDA, 1997) e uma pequena parcela dos clássicos defenderam que nem todas as atividades criam valor e riqueza, ou seja, nem todo trabalho é produtivo. Primeiro ele afirma que só é produtivo o trabalho que se fixa sobre um objeto qualquer. Posteriormente, ele apresenta um pensamento revolucionário, divergente tanto dos mercantilistas, quanto dos fisiocratas.

Adam Smith (1983), embora valorize, assim como a maior parte dos clássicos, a questão da tangibilidade, apresenta um pensamento acerca da importância dos serviços públicos de infraestrutura para o desenvolvimento do comércio e outras atividades produtivas ligadas ao setor privado. Segundo ele:

a criação e manutenção das obras públicas para facilitar o comércio em qualquer país - tais como boas estradas, pontes, canais navegáveis, portos etc.[...] As despesas para construir e manter as estradas públicas de qualquer país devem forçosamente aumentar ao mesmo tempo em que a produção anual da terra e do trabalho do respectivo país (SMITH, 1983, p. 173).

Smith (1983) afirma que é produtivo todo trabalho que paga a si mesmo e ainda gera um lucro, enquanto é improdutivo toda atividade que implica apenas uma despesa sem retorno. Esta proposição é inovadora porque desloca totalmente os termos do debate. Ela desassocia produtividade e materialidade, abrindo em consequência a perspectiva do reconhecimento do caráter produtivo e ampliando as considerações relativas à importância do setor terciário.

Avançando na linha de raciocínio apresentada por Smith, Malthus (1983 apud ALMEIDA, 1997) declara que a riqueza de um país é o somatório das coisas tangíveis e intangíveis, logo os serviços devem ser computados no produto da economia. Para ele todo trabalho deve ser visualizado como produtivo, desde que incremente a riqueza nacional. Com base nesse raciocínio, propõe alterar a posição smithiana entre improdutivo/produtivo por mais produtivo e menos produtivo.

Malthus (1996) é ainda mais preciso quando afirma que tanto o comércio quanto o transporte agregam valor às mercadorias. Deste modo, reconhece a importância do setor de serviços para a economia de uma nação. No entanto, assim como seus sucessores, não reconhece a possibilidade de acumulação de ativos intangíveis ou a existência de um capital imaterial. Em outras palavras:

vemos que em todos os países manufatureiros e comerciais ricos, o valor dos produtos manufaturados e comerciais representa uma proporção muito alta com relação ao valor dos produtos agrícolas, enquanto em países relativamente pobres, sem um comércio interno e externo muito intenso, o valor de seus produtos agrícolas constitui quase toda a sua riqueza (MALTHUS, 1996, p. 68).

David Ricardo (1988 apud ALMEIDA, 1997) continua em princípio com esta mesma linha de pensamento. Para ele existe uma distinção entre produto e riqueza, sendo aquele processo ou fluxo enquanto este é excedente acumulado em forma física ou material. Logo, se todo trabalho é produtivo, somente aquele que produz objetos tangíveis é útil à ampliação da riqueza nacional.

Essa concepção pode ser facilmente questionada, como por exemplo, o caso da relação educação/conhecimento. Enquanto aquela é fluxo, este é uma riqueza intangível que pode ser acumulada. Deste modo, uma empresa tem entre seus mais importantes ativos o conhecimento acumulado pelos seus funcionários.

Analisando este raciocínio, só são produtivos os trabalhos que produzem bens materiais. Ocorre com Ricardo uma visão na qual os serviços não possuem utilidade para o incremento da riqueza.

Jean Baptiste Say (1983) assim como a maioria dos clássicos, refuta a ideia de que todo trabalho é produtivo independentemente da tangibilidade ou intangibilidade dos seus resultados. Além disto, ele defende que a utilidade é que determina o valor e, portanto, que todo trabalho que produz utilidades é produtivo, não importando se é uma atividade de um operário manual, de um cientista ou de um empresário.

Say trata os diversos setores da economia como indústrias e chega a falar de indústria comercial. Apesar disto, está longe de considerar a existência do capital intangível. Para ele:

a natureza dos produtos imateriais - diz ele resulta que não se poderia acumulá-los e que eles não servem para aumentar o capital nacional. Uma nação em que encontrássemos uma multidão de músicos, de sacerdotes e de empregados poderia ser uma nação muito divertida, bem doutrina e admiravelmente bem administrada, mas seria tudo. Seu capital não receberia nenhum acréscimo direto de todo o trabalho dos homens industriais, porque seus produtos seriam consumidos à medida que fossem criados (SAY, 1983, p. 91).

O pensamento dele é divergente do de Ricardo, valorizando o que se chama hoje de setor de serviços, como gerador de riquezas para a economia nacional, desde que este crie utilidades, pois um trabalho será produtivo somente com a criação de utilidade.

Stuart Mill (1983 apud BRUE, 2006), contrariamente a maior parte dos clássicos em seu livro *Princípios de Política Econômica* de 1848, se opõe abertamente a Say. Para ele, o

trabalho produtivo é aquele que gera riqueza material. Além disso, define que o trabalho cria três tipos de utilidades: as fixas e incorporadas em objetos externos aos homens; as fixas e incorporadas aos seres humanos; e as que não são fixas nem incorporadas em objeto algum.

Seguindo este pensamento, pode-se concluir que para Mill somente serviços ligados ao setor produtivo são importantes, como os transportes e comércio. Já os não relacionados com a produção tangível, não são produtivos, como por exemplo, o trabalho de um ator.

Os neoclássicos vivem num momento em que o setor terciário esta em expansão nas sociedades urbanizadas e industrializadas. Alfred Marshall (1983 apud BRUE, 2006) apresenta como o progresso econômico implica na criação de novas necessidades, e reconhece a importância crescente das atividades financeiras, de transportes, comerciais, etc. Não só como “auxiliares da produção”, mas como criadoras de um produto em si.

Tem-se em Marshall (1983) um avanço na concepção acerca da importância da contribuição dos serviços para o incremento da riqueza da nação. No entanto, mantém-se, assim como os clássicos, preso a ideia de utilidade. Segundo ele:

Diz-se, às vezes, que os comerciantes não produzem; que enquanto o marceneiro faz a mobília, o negociante de móveis vende apenas o produto já elaborado. Mas não há fundamento científico para tal distinção. Ambos produzem utilidades, e nenhum deles pode fazer mais: o negociante de móveis movimenta e dá novo destino à matéria, a fim de dar-lhe maior serventia do que antes, e o carpinteiro não faz mais nada. O marinheiro ou o ferroviário que transportam o carvão fora da mina produzem-no tanto como o mineiro que o retira da galeria; o peixeiro ajuda a transferir o peixe de onde é relativamente de pouca utilidade para onde possa ter maior emprego, e o pescador nada mais faz. É bem verdade que às vezes há mais comerciantes que o necessário, e, quando isso ocorre, há sempre desperdício (MARSHALL, 1983, p. 129).

O primeiro teórico a valorizar os serviços ligados ao conhecimento e a informação foi Friedrich List (1883). Segundo ele, as atividades ligadas à formação do conhecimento e a qualificação dos indivíduos devem ser considerados em um grau de importância superior ao das demais atividades (LIST, 1883).

O argumento de List é que as atividades relacionadas com o conhecimento materializam forças produtivas capazes de dinamizar no futuro a produção presente. Em suas palavras:

certamente são produtivos os que criam porco, os que preparam pílulas, mas os educadores de crianças e adultos, os músicos, os médicos, os juizes, os administradores são produtivos em grau muito mais elevado. Os primeiros produzem valores de troca, ao passo que os outros produzem forças produtivas, alguns deles capacitando as gerações futuras a se tornarem produtivas. (1883, p. 103)

List recuperava, provavelmente de Say, a ideia de que as artes, as ciências ou a educação também fazem parte das forças produtivas da nação. Deste modo ele avança na linha de pensamento de Say, numa direção muito próxima do que se denominara no século XX de “capital humano” (LIST, 1983).

Segundo List, os produtores de bens imateriais devem ser considerados bem mais produtivos do que aqueles que produzem bens tangíveis. O argumento dele é que os primeiros materializam forças produtivas capazes de dinamizar no futuro a produção presente. Verifica-se em List um dos economistas clássicos que mais valorizam o setor de serviços para geração do produto e renda na economia.

Keynes (1983) defende a ideia de que todas as atividades nas quais se implique em remuneração são produtivas. Para o cálculo do produto interno bruto, são incluídos os serviços (bancos, comércio, transporte...). Para ele, os serviços tinham um caráter local, porque a participação deste cresceria no produto social, e estes não se prestavam às trocas internacionais.

Esta posição de Keynes hoje se mostra não muito apropriada, pois os serviços são mais que intercambiáveis no plano internacional. Um exemplo disto é o extraordinário crescimento do comércio nos últimos anos. Tem-se com Keynes uma melhor consideração acerca do valor do terciário para o produto nacional.

Shumpeter (1983) afirma que a produção é sempre resultado de uma combinação das forças produtivas. Estas forças podem ser materiais (equipamentos, matérias-primas) ou imateriais (os serviços). Ele considera também que só há produção se existe consumo, e as atividades produtivas industriais ou agrícolas envolvem sempre os serviços necessários à produção e ao consumo dos seus respectivos bens.

Shumpeter já apontava a importância de certos empregos ligados ao setor de serviços para a economia, para ele:

em primeiro lugar chamamos “empresários” não apenas aos homens de negócios “independentes” em uma economia de trocas, que de modo geral são assim designados, mas todos que de fato preenchem a função pela qual definimos o conceito, mesmo que sejam, como está se tornando regra, empregados “dependentes” de uma companhia, como gerentes, membros da diretoria etc (1983, p. 83).

Logo, percebe-se que certas funções são essenciais ao bom funcionamento das atividades produtivas e ao progresso econômico. Assim, Shumpeter aponta o papel dos gestores como fundamental para a evolução das empresas.

Parte-se agora para uma análise mais recente das principais teorias sobre o papel que o setor de serviços desempenha na economia, assim como das análises favoráveis e contrárias à representatividade e importância que este setor apresenta na economia atual.

2.2 A teoria pós-industrial

O crescimento da importância do setor terciário na geração de emprego, produto e renda, levou alguns autores a apontarem que a sociedade evolui rumo a uma nova forma de organização do sistema produtivo, não mais centrada na indústria, mas na produção de serviços. Para estes, a economia migrou inicialmente seu centro da agricultura para a indústria e agora, passa da indústria para os serviços.

Daniel Bell (1973) aponta que no início tinha-se a sociedade pré-industrial, tipicamente agrária, em que o poder estava diretamente correlacionado com a propriedade da terra. Esta passa, com o avanço das técnicas, para a industrial, na qual a produção manufaturada de bens é característica.

Neste cenário surge uma nova classe produtiva, a capitalista, que detém o poder, tendo-se assim a divisão social entre trabalhadores, capitalistas e proprietários de terra. Agora, com a evolução econômica, chega-se à sociedade pós-industrial, a qual possui como centro a produção de serviços, e o poder esta nas mãos dos agentes que detêm o conhecimento e a informação. Segundo Bell (1973, p. 148),

uma sociedade pós-industrial tem como base os serviços. Assim sendo, trata-se de um jogo entre pessoas. O que conta não é a força muscular, ou a energia, e sim a informação. A personalidade central é a do profissional, preparado por sua educação e por seu treinamento para fornecer os tipos de habilidades que vão sendo cada vez mais exigidos numa sociedade pós-industrial. Se a sociedade industrial se define pela quantidade de bens que caracterizam um padrão de vida, a sociedade pós-industrial define-se pela qualidade da existência avaliada de acordo com os serviços e o conforto – saúde, educação, lazer e artes – agora considerados desejáveis e possíveis para todos.

Outro aspecto apontado por Bell é que o trabalho deixa de ser crucial para a geração de riqueza, como defendia os clássicos. Ele defende a ideia que:

o fato crucial é que a “questão do trabalho” como trabalho deixou de ser central e não tem um peso sociológico e cultural suficiente para polarizar todas as questões em torno deste eixo (BELL, 1973, p. 189).

Assim, o conhecimento, a ciência e a técnica tornam-se cruciais na nova sociedade. Logo se torna vital para os trabalhadores, a qualificação, para que estes possam utilizar os

novos recursos tecnológicos com eficiência e altos índices de produtividade. Aliado a isto, a política adquire um nível de envolvimento substancial na sociedade. Desta forma,

na medida em que o conhecimento e a tecnologia se transformaram no recurso central da sociedade, tornam-se inevitáveis certas decisões políticas. Enquanto as instituições destinadas a promover o conhecimento fizerem solicitações aos recursos públicos, serão inevitáveis as solicitações públicas a essas mesmas instituições (BELL, 1973, p. 299).

O avanço tecnológico e a mecanização das fábricas reduzem o nível de emprego criado nestas e, em contrapartida, os trabalhadores migram para o setor de serviços, estimulando o crescimento deste. Segundo Bell, isto mostra a perda de importância da indústria e, conseqüentemente, suas implicações sobre o operariado. Ele afirma que,

a classe dos operários manuais e não-qualificados está se reduzindo na sociedade, enquanto no outro extremo da série a classe dos trabalhadores qualificados vai se tornando predominante (BELL, 1973, p. 380.).

Segundo Bell (1973), o operariado torna-se uma minoria, enquanto cresce o trabalho assalariado. Esta assertiva mostra que na sociedade pós-industrial, a redução do número de empregos na indústria é compensada pela ampliação da quantidade de postos de trabalho nas atividades terciárias, como por exemplo, na educação e na gerência, entre outras.

Analisando o pensamento acima exposto, percebe-se que na nova organização econômica, cresce substancialmente o valor do setor terciário, principalmente como grande empregador e gerador de renda, haja vista que este absorve desde trabalhadores quase sem nenhuma qualificação, até os altamente qualificados. Assim, constitui-se em ponto estratégico para as nações que almejam o desenvolvimento.

Seguindo o raciocínio de Bell (1983), Colin Clark (1940 apud KON, 2004) utilizou a lei de Engel (bens superiores e inferiores) para explicar o crescimento do setor de serviços na economia. O consumo de serviços (bens superiores, pois com o aumento da renda amplia-se o sua utilização) tende a aumentar mais que proporcionalmente ao incremento da renda per capita nacional. Em contrapartida, os setores agrícola e industrial tendem a perder espaço. A sociedade evolui para uma organização social fundada não na produção material, mas na produção do imaterial.

Este raciocínio remete ao atual estágio da sociedade, com a crescente participação dos serviços, é resultado da maior valorização dos indivíduos pelas utilidades proporcionadas por este setor. Segundo Clark (1940 apud KON, 2004), a sociedade flui rumo à transição de industrial para a produtora de serviços.

Clark aponta que o crescimento econômico resulta numa expansão do setor terciário, pois o maior nível de renda implica em um maior consumo. Isto por sua vez, dada a elasticidade-renda para os serviços, acarreta uma elevação na demanda por produtos e benefícios proporcionados por este setor. (1940 apud KON, 2004)

Dentro deste raciocínio, o crescimento da demanda por produtos do setor terciário cria novas e lucrativas oportunidades de negócios no mundo. Como consequência surgem empresas nos mais variados ramos deste seguimento produtivo, implicando em uma maior relevância do mesmo no PIB, e nas concepções acerca de sua importância.

Kon (2004) tem um raciocínio parecido com o de Bell (1973), apontando que a reestruturação produtiva e o crescimento dos serviços trazem alterações nas necessidades das organizações, que passam a ser cada vez mais intensivas em conhecimento, estimulando os trabalhadores a buscarem qualificação, para poderem se inserir no mercado de trabalho. Logo, passa a ser decisiva na competição internacional a capacidade do país em realizar investimentos em modernização tecnológica e formação do capital humano.

Diante disto, os países que possuem condições para investir em infraestrutura tecnológica e de conhecimento tendem a se sobrepôr aos demais no comércio internacional. Porém, isto tende a ampliar as disparidades econômicas entre as nações, pois as mais ricas podem ampliar suas vantagens em detrimento das mais pobres.

Kon concebe a ideia que o crescimento dos serviços é fruto da reestruturação produtiva por que passa a economia mundial, na qual

o crescimento do setor de serviços e suas implicações sobre a reestruturação das economias apresentam diferentes impactos sobre a estrutura produtiva, de acordo com o nível de desenvolvimento econômico das economias e a capacidade de aumentar os investimentos na modernização tecnológica e na qualificação da força de trabalho, a fim de enfrentar as necessidades das novas tarefas técnicas dos processos modernos de produção e organizacionais (2004, p. 64).

Observando o pensamento desta autora, pode-se atribuir ao progresso tecnológico o papel de impulsionador do crescimento e emprego no setor terciário, pois com a redução deste na indústria e na agricultura, os serviços absorvem a mão-de-obra, deslocando assim o papel de propulsor da geração de emprego e renda da economia para este setor.

2.3 As teorias industrialistas

Jonathan Gershuny (1983 apud KON, 2004) diverge do pensamento de Bell (1973), e questiona a ideia de que a sociedade flui rumo aos serviços como fator central. Segundo ele, o crescimento dos serviços é o resultado de modificações na divisão do trabalho e do progresso tecnológico, que criam as chamadas indústrias de serviços e novas ocupações.

Seguindo este raciocínio, a expansão do setor terciário seria fruto dos avanços tecnológicos e das necessidades do setor industrial, que teria um papel central na economia, e impulsionaria os demais setores com suas demandas de insumos e serviços especializados ou não.

Outro ponto abordado pelo autor é que o pensamento pós-industrial se baseia no pressuposto do surgimento de novas necessidades na sociedade, que irão requerer de uma maior oferta de serviços, ampliando o emprego no terciário e conduzindo a sociedade a era pós-industrial. Gershuny argumenta que existem indícios da crescente substituição desses serviços por bens. Aliado a isto, o autor defende que o crescimento do nível de emprego nos serviços não implica a redução do consumo de bens industriais. Logo, o nível de consumo de serviços não é capaz de explicar os empregos do setor (1983 apud KON, 2004).

William Baumol (1967 apud KON, 2004) defendeu a ideia da produtividade decrescente nos serviços, quando comparado com a indústria. Segundo ele, muitas atividades de serviços apresentam uma taxa de produtividade constante e muitas vezes regressiva, enquanto no setor industrial, por ser intensivo em tecnologia, a produtividade tem aumentado. Assim, dado o fato do setor de serviços apresentar um grande número de atividades intensivas em força de trabalho, sua produtividade tende a ser decrescente, o que eleva os custos do setor

Outro ponto representativo do pensamento de Baumol é que, como os trabalhadores do setor de serviços buscam salários melhores e muitas vezes equitativos aos do setor industrial, quando estes aumentam, levam a uma pressão por elevação das remunerações daquele setor. Assim, existe uma tendência para a elevação dos custos do setor de serviços que pode levar a redução da demanda por suas atividades, ou seja, por seus produtos. Logo, deve ocorrer a redução na participação deste setor na economia (1967 apud KON, 2004).

Esta conclusão de Baumol fundamenta-se sobre o pressuposto da queda na produtividade dos serviços, devido ao fato dos mesmos serem intensivos em mão-de-obra, enquanto há uma tendência a elevação dos salários do setor e dos custos. Já a indústria, por

ser intensiva em tecnologia, possui uma tendência ao crescimento da produtividade e dos salários, logo, com custos controlados.

Um aspecto dos serviços relevante segundo Baumol (1967 apud KON, 2004) é o fato de as atividades terciárias mais sofisticadas e intensivas em tecnologia se concentrarem nas áreas metropolitanas. Assim, os pontos de maior produtividade ficam localizados em certas áreas. Diante disto, Kon conclui que, para os autores acima mencionados, não é possível afirmar que a sociedade e os sistemas produtivos evoluem em direção ao pós-industrialismo. Isto porque:

embora os papéis da circulação, distribuição e regulação tenham aumentado consideravelmente, o papel da manufatura ainda permanece importante em antigas regiões industriais. Dessa maneira, a mudança não é para uma sociedade de serviços como tradicionalmente definida, mas em vez disso em direção de uma sociedade pós-manufatureira nessas regiões, enquanto as regiões metropolitanas e turísticas estão evoluindo para uma sociedade de informação e consumo (KON, 2004, p. 226).

Portanto, os industrialistas defendem a ideia de que o setor industrial mantém-se como o propulsor da economia e, acaba por estimular com o seu o crescimento, a expansão dos serviços. Assim, dados os encadeamentos entre os setores, a manufatura, ao se expandir, leva ao crescimento da demanda por certos serviços. No entanto, o setor terciário tenderia a apresenta elevação nos custos, devido ao fato de muitas de suas atividades serem intensivas em trabalho e, acabaria sofrendo com a chamada “doença de custos”.

2.4 O Conceito de serviços e suas características

A característica central dos serviços é a simultaneidade entre produção e consumo. Desta forma, não se tem a possibilidade de se verifica claramente os reais impactos da expansão deste setor e do crescimento de sua importância em termos materiais para a economia.

Segundo Kon (2004), o fato dos serviços serem consumidos no mesmo momento em que é produzido, o aspecto da coincidência temporal entre a atividade de produzir e a de consumir, levaram a divergentes análises sobre o setor ao longo do pensamento econômico. Logo, para uma melhor compreensão da real importância deste setor faz-se necessário a sua conceituação e classificação. Além disto, nas economias atuais, todas as atividades produtivas desempenham funções importantes, não sendo possível julgar e classificar algumas atividades produtivas como mais importantes ou menos importantes que outras.

Seguindo este raciocínio, Kon afirma que, os serviços produzem utilidades relativas, ou seja, são em alguns casos valorizados de forma subjetiva por diferentes indivíduos. Isto é, este setor amplia o nível de conforto e bem estar da sociedade ao ampliar a capacidade produtiva dos outros setores da economia. Aliado a isto, ao impulsionar com a própria dinâmica do setor os demais setores, proporciona melhoria da satisfação dos consumidores.

Kon (2004) define o setor terciário como sendo uma indústria na qual se produzem serviços ao invés de bens, marcada pela intangibilidade. Em outras palavras, além de apresentarem baixo nível na relação capital/trabalho, ou seja, utilizarem muitos trabalhadores apresentam a característica de serem consumidos no momento em que são realizados.

Dorothy Riddle (1986 apud KON, 2004) apresenta a ideia que os serviços possuem características relevantes para a maior parte das atividades econômicas, excluindo-se obviamente a intangibilidade. Assim sendo, ela afirma que os serviços podem ser classificados de acordo com o tipo de produto criado, os recursos que utiliza e o fim a que se propõe. Segundo Kon,

as atividades econômicas que proporcionam tempo, lugar e forma de utilidade que acarretam em uma mudança no recipiente. Os serviços são produzidos por a) produtor agindo para o recipiente; b) recipiente fornecendo parte do trabalho; e/ou c) recipiente e produtor criando o serviço em interação (2004, p. 29).

Riddle (1986 apud KON, 2004) aponta que certas atividades de serviços possuem características industriais e, muitas vezes estão diretamente relacionadas a este setor. Ela afirma que a partir da revolução industrial, o setor terciário ganhou um impulso, devido à necessidade de certos serviços complementares a indústria, como o comércio, os transportes, as redes financeiras e de comunicação.

Com o processo da industrialização, o setor terciário ganha importância e, de acordo com Riddle, é o setor que tende a ganhar espaço dos demais setores da economia. Assim, na era pós-industrial, os serviços podem tomar o comando, sendo o setor responsável pela dinâmica da economia. Aliado a isto, por terem grande participação no PIB e serem complementares aos demais setores, podem ser chamados de setor primário o qual, fornece a base para a existência dos demais (1986 apud KON, 2004).

Neste raciocínio, verifica-se a grande importância dos serviços na economia mundial e seu papel de auxiliar no funcionamento e possível crescimento das atividades relacionadas com os outros setores. Assim, este setor é estratégico para o desenvolvimento nacional.

Outra autora de destaque no pensamento acerca dos serviços é Meirelles (2005). Esta define os serviços como um processo que, para ser iniciado necessita de uma solicitação do

respectivo consumidor, ou seja, é preciso a interação direta entre produtor e consumidor, com a possível customização do produto às características do usuário. Além disto, os serviços são um fluxo de trabalho contínuo no tempo e no espaço.

Segundo Meirelles, os serviços caracterizam-se pela simultaneidade entre produção e consumo, são intangíveis, inestocáveis e possuem difícil mensurabilidade. Pelo fato de serem consumidos à medida que são realizados, acabam por não se constituir em um bem palpável, tangível, logo se tornam inestocáveis, e daí a sua difícil mensuração.

Os serviços se apresentam numa grande variedade de atividades, desde o comércio até os serviços de educação. Aliado a isto, boa parte dos serviços são intensivos em recursos humanos e informação. Verifica-se também que as atividades intensivas em mão-de-obra e que exigem baixa qualificação absorvem grande parte do capital humano liberado da agricultura e indústria, devido à modernização e conseqüente ampliação da produtividade.

Meirelles distinguiu os serviços também como, intermediários e finais. O primeiro proporciona a complementaridade aos produtos da agricultura e indústria, sendo o suporte indispensável ao bom funcionamento destes setores. Já os finais são prestados diretamente ao consumidor, proporcionando-lhe satisfação e utilidades (MEIRELLES, 2005).

Segundo Kon (2004), a classificação dos setores produtivos de uma economia mais utilizada no mundo é a de Fisher-Clarck e Fucks, na qual a economia é dividida em três setores: primário (agricultura e mineração), secundário (manufatura) e terciário (comércio, empresários e governo). Além disto, para uma melhor padronização dos dados a nível internacional, tem-se a classificação dos serviços elaborada pela ONU, mostrada no quadro a seguir:

Quadro 1 - Classificação dos serviços segundo a ONU

CLASSES	COMPOSIÇÃO
Serviços distributivos	Incluem a distribuição física de bens, pessoas e cargas.
Serviços sem fins lucrativos	Constituem-se dos serviços da administração pública e outras organizações.
Serviços às empresas	Serviços financeiros, assessoria jurídica, contábil, informática etc.
Serviços ao consumidor	Serviços sociais e pessoais.

Fonte: Elaboração própria a partir de Kon (2004).

Marshall (1995 apud KON, 2004) tem um pensamento um pouco diferente dos autores anteriores e classifica os serviços em intensivos no processamento de informações (por exemplo, os financeiros), complementares aos demais setores (transporte) e, os

necessários as satisfações pessoais (entretenimento). Deste modo, são distinguidos de acordo com a expertise necessária aos produtos que realizam.

Verifica-se em Marshall (1995) uma análise mais clara com a atualidade, mostrando que a evolução das tecnologias afeta diretamente o setor terciário da economia, e resultando em estímulos para a diversificação e dinamização do setor, tanto quanto cria novos potenciais para o crescimento econômico.

Walker (1985 apud KON, 2004) defende a ideia de que os serviços são fruto do trabalho indireto, no qual o resultado não toma a forma de um bem material (e, reproduzível de forma igual), dado o caráter intangível dos mesmos. No entanto, este setor proporciona as condições necessárias à perpetuação dos demais, criando mecanismos através dos quais os bens materiais chegam, e são moldados para os consumidores. O autor também destaca o papel dos serviços governamentais como relevantes para a sociedade.

Diante disto, percebe-se com Walker (1985) uma análise que valoriza os serviços públicos, como promotores da infraestrutura necessária à evolução dos indivíduos e da sociedade, rumo a uma realidade melhor. Logo, são um ponto estratégico para o desenvolvimento da nação, pois podem proporcionar a estrutura adequada à expansão da economia.

Por fim, outro autor com uma classificação interessante sobre os serviços, é Hill (1977 apud KON, 2004), o qual afirma que as atividades terciárias resultam em alterações feitas sobre um bem, utilizando-se de outros bens. Também determina que, para ser serviços, uma atividade tem que apresentar produção e consumo simultâneos.

Dentro da concepção deste autor, os serviços são atividades produtivas que, utilizando-se de insumos ou algum bem existente, realizam alterações sobre outros. Um exemplo disto é o trabalho de um pintor, que se utilizando da tinta, transforma a aparência de outro bem, como um imóvel.

Portanto, as características fundamentais dos serviços, em diferentes concepções, são a simultaneidade entre produção e consumo, intangibilidade, inestocabilidade, difícil mensuração e intensividade em capital humano e informação.

2.5 As atividades de serviços e o desenvolvimento econômico regional

O setor terciário cresce substancialmente em quase todos os países. Torna-se um grande gerador de emprego e renda. Suas interligações com os outros setores produtivos são

um ponto estratégico e potencial que pode levar ao crescimento sustentável no rumo à superação dos limites estruturais.

Celso Furtado (1983) aponta que a teoria do desenvolvimento busca explicar as causas e o mecanismo de elevação constante e persistente da produtividade do fator trabalho, relativo ao produto marginal e, o crescimento econômico. Este tende a proporcionar um maior dinamismo econômico, com maiores níveis de produção e, quando é superado, pode-se chegar ao desenvolvimento. Neste, ocorre à expansão da estrutura produtiva, de modo a melhorar os níveis de produtividade, emprego e a qualidade de vida das pessoas.

Avaliando este raciocínio, pode-se apontar que o desenvolvimento seria uma etapa superior do crescimento, com o país evoluindo através deste para patamares superiores de capacidade produtiva instalada na economia, ampliando sua infraestrutura e criando condições para que os indivíduos possam ter boas perspectivas e uma vida com mais bem estar.

Pode-se propor que, por boa parte dos serviços serem intensivos em recursos humanos, o setor terciário acaba por absorver boa parte da mão-de-obra, tendo importância para a sociedade, ao propiciar a fonte de renda para boa parte da população, que assim, pode consumir, estimulando a produção, o consumo e o ritmo das atividades produtivas na economia.

Analisando o setor terciário pela geração de renda, percebe-se que o fato de as atividades de serviços gerarem emprego para uma quantidade significativa de pessoas, mostra seu papel estratégico para o crescimento e dinamismo da economia. Isto porque com mais renda, existe uma grande probabilidade de que se amplie o consumo das famílias, estimulando a produção e, a geração de novos postos de trabalho assim como, a expansão da capacidade produtiva da economia (KON, 2004).

David McKee (1988 apud KON, 2004) mostra que o desenvolvimento passa pela exploração das potencialidades regionais, uma vez que as interligações produtivas entre as empresas, a localidade em que estão inseridas e a evolução econômica das diversas regiões de uma nação são fatores substanciais para que esta se desenvolva.

Assim, percebe-se que uma condição para que um país evolua é a superação do crescimento econômico das regiões que o compõem, com o uso e exploração de suas vantagens comparativas e aproveitamento das potencialidades regionais, para deste modo alcançar o desenvolvimento, com benefícios para a maioria da população.

Kon (2004) aponta que os polos de crescimento que muitas vezes apresentam atividades intensivas em conhecimento podem estimular e induzir o crescimento da nação.

Aliado a isso, os serviços favorecem a expansão e a dinâmica do setor manufatureiro e podem potencializar as interligações entre as empresas regionais. Isto devido ao fato das novas organizações necessitarem de vários serviços complementares a sua produção. Até mesmo empresas do setor terciário utilizam-se de outras ligadas ao mesmo setor para agregar valor aos seus produtos.

Diante disto, ocorre uma crescente valorização dos serviços, não apenas como gerador de emprego e renda, mas também como recurso estratégico para o desenvolvimento da nação. Pois, as interligações entre as empresas privadas do setor terciário com os serviços públicos e com os outros setores da economia pode resultar em crescimento econômico e este pode levar ao desenvolvimento.

Segundo Kon (2003), as principais atividades indutoras do desenvolvimento econômico são os serviços prestados às empresas, as atividades financeiras, de transportes, de comunicações, de ensino, de saúde e pesquisa. Estas apresentam como características a incorporação de um alto nível de inovação tecnológica e alta relação capital-trabalho, necessitando de mão-de-obra bem qualificada e prestando, mais intensamente, serviços às empresas e, em certos casos, ao consumidor pessoal. Para a autora, assim como existem as atividades indutoras, existem as induzidas. Estas atividades de serviços distinguem-se das indutoras por possuírem baixa relação capital-trabalho, baixa qualificação de mão-de-obra e nível tecnológico. Pode-se identificar os serviços pessoais, serviços sem fins lucrativos e parte do comércio varejista como induzidos pelo desenvolvimento.

Outro fator relevante é defendido por Bell (1973). Segundo ele, à medida que a economia de determinado país se desenvolve, ocorre a redução da participação da agricultura e da indústria, tanto na geração do produto quanto na de emprego e renda. Em contrapartida, ocorre o crescimento da participação do setor terciário, que assume um papel de destaque na economia.

Este raciocínio mostra que o desenvolvimento de uma nação passa pelo crescimento do setor terciário na geração de emprego, produto e renda. Um exemplo disto são os países considerados hoje desenvolvidos, como os Estados Unidos, a Inglaterra e a França, entre outros, que passaram por uma reestruturação produtiva, reduzindo a participação da agricultura e da indústria e ampliando a dos serviços.

Conclui-se que o setor de serviços e suas interligações com outros setores podem levar ao desenvolvimento regional e, com isto, tem-se uma possibilidade importante para que uma nação possa alcançar patamares socioeconômicos superiores, com a melhoria da

qualidade de vida da população. Logo, este setor pode apresentar um papel estratégico para a economia das mais variadas regiões, cada uma com suas especificidades e potenciais.

Neste cenário, busca-se no próximo capítulo aplicar-se as principais concepções sobre a economia regional, vistas no capítulo 1, com as teorias sobre os serviços, vistas no capítulo 2, dentro do panorama econômico de Poções. Assim, procura-se uma compreensão do papel que as atividades de serviços exercem na economia local, suas influências sobre a região e seus potenciais para o desenvolvimento regional.

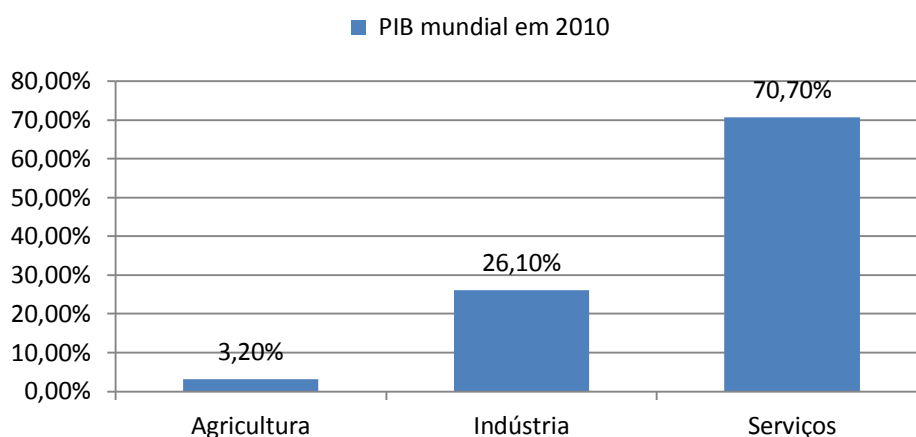
CAPITULO 3: O SETOR DE SERVIÇOS E SUA IMPORTÂNCIA PARA A ECONOMIA DE POÇÕES

Este capítulo visa analisar a economia do município de Poções, especificamente o papel desempenhado pelo setor de serviços. Busca-se verificar se o setor terciário tem um papel de destaque na economia local, assim como se o município centraliza certos serviços, dentro da teoria dos lugares centrais, proposta por Christaller (1933). Aliado a isto, faz-se uma análise da economia local, pautada pelas teorias da economia regional e pelas concepções de alguns teóricos acerca dos serviços.

3.1 Panorama dos serviços na economia mundial, no Brasil e na Bahia

A economia mundial evoluiu de centrada na produção industrial para a centrada na produção de serviços. O setor terciário é o mais representativo, estatisticamente, para a economia mundial, apresentando grande importância na geração de emprego e renda. Hoje, a economia tem como ponto central a produção de conhecimento e informação. Desta forma, existe em boa parte da sociedade mundial, a valorização da produção de conhecimentos aplicáveis. Muitas atividades ligadas a esta tendência, encontram-se no setor de serviços. O gráfico 1 a seguir, aponta a composição do PIB mundial em 2010 e mostra a grande participação do setor de serviços com 71% do PIB.

Gráfico 1 - Composição do PIB mundial em 2010



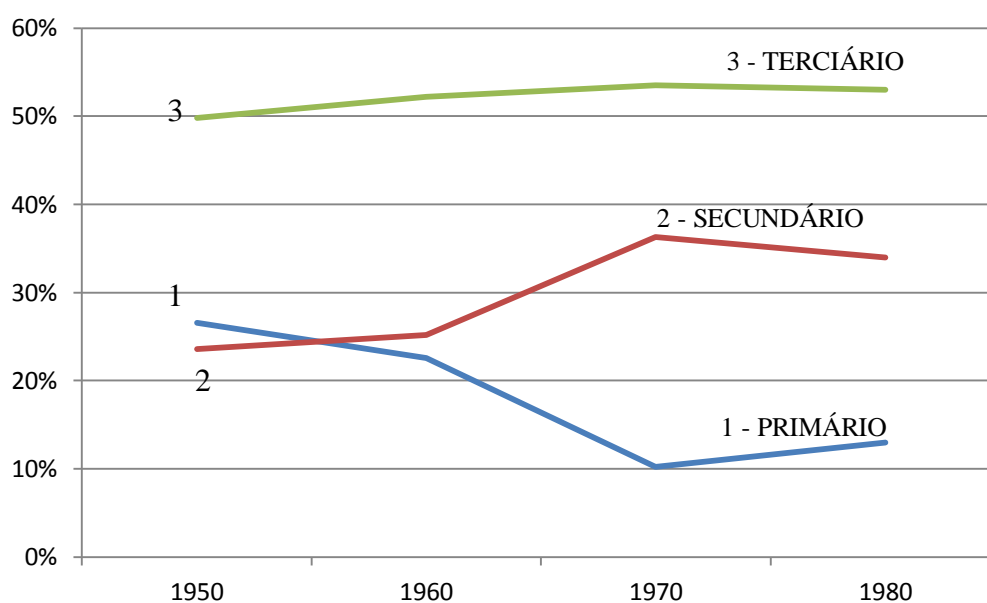
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Banco Mundial (2012).

Os dados apontam a pequena participação da agricultura, com 3% do PIB. Já a indústria representa 26% das riquezas geradas. Neste cenário, a economia mundial passa por uma verdadeira revolução tecnológica, em que a todo instante surgem inovações que abrem novas oportunidades para os empresários, e estes, por sua vez, procuram utiliza-se disto para maximizar seus lucros e melhorar sua posição no mercado.

Dentro desta dinâmica, analisa-se agora o Brasil, que possui hoje uma economia diversificada, destacando-se na produção agrícola. Este setor apresenta ligações com a atividade industrial que impactam diretamente no campo, com o chamado agronegócio. A mecanização da agricultura proporcionou ganhos de produtividade, fazendo do país um dos maiores produtores de grãos do mundo.

Dentro deste contexto, o setor terciário se desenvolveu sendo o que possui a maior representatividade no PIB brasileiro. Além disto, é o maior empregador de mão-de-obra, com os mais distintos níveis de qualificação. O gráfico 2 abaixo mostra a evolução econômica do Brasil, segundo os três setores: primário, secundário e terciário, no período de 1950 a 2002. Verifica-se o crescimento da indústria que suplanta o setor agrícola, a partir do Programa de Substituição das importações, tornando-se o segundo setor mais representativo. Os serviços, também já se destacavam em 1950 como o setor mais representativo do PIB brasileiro:

Gráfico 2 - Composição do PIB brasileiro de 1950-2002.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Fundação Getúlio Vargas (apud KON 2004).

Analisando-se o gráfico 2, percebe-se que o setor terciário antes mesmo do processo de industrialização mais intensa ocorrer no Brasil, já tinha um papel importante na geração de riquezas para a nação. Assim, à medida que a economia se desenvolveu, ocorre o crescimento do setor de serviços, ofertando a base necessária a expansão dos demais setores.

O setor terciário no Brasil se formou distintamente do modelo preconizado pelos pós-industriais. Embora a partir do PSI (Programa de Substituição das Importações) tenha ocorrido um substancial impulso no mesmo, este já possuía um peso relativo no PIB nacional. As atividades de serviços brasileiras caracterizam-se por seu papel de complementariedade aos demais setores da economia e, se expandiram substancialmente não como fruto do crescimento industrial, mas como válvula de escape para a população que não conseguia se ocupar em outros setores e migravam para as atividades terciárias. Estas absorveram mão-de-obra com os mais diversos tipos de qualificações em atividades muito variadas, desde as menos intensivas em tecnologia até as mais intensivas (KON, 2004).

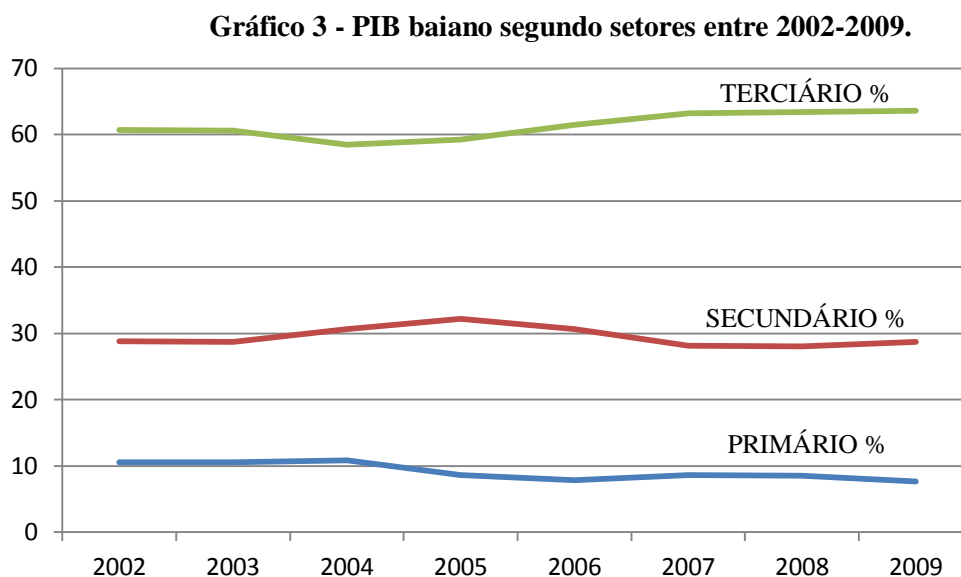
Outro ponto característico das atividades terciárias no Brasil é a informalidade. Devido, muitas vezes, à falta de oportunidades formais, os indivíduos buscam ocupações na prestação de serviços, como proprietários ou empregados, em empresas informais. O que é facilmente perceptível na grande maioria das cidades do país, onde um grande contingente de pessoas trabalha sem o amparo da legislação trabalhista (KON, 2004).

Um fator que pode ter contribuído para o crescimento da informalidade de algumas atividades de serviços é seu potencial para a geração de empregos e subempregos. Como o Brasil passou por períodos de altas taxas de desemprego, muitas pessoas encontraram no setor de serviços oportunidades para sua sobrevivência e de sua família (KON, 2004).

Portanto, verifica-se que o crescimento das atividades terciárias no Brasil não foi fruto exclusivamente da modernização econômica, mas sim, devido ao potencial do setor para a geração de empregos e a grande facilidade de absorção de mão-de-obra, que varia desde a menos qualificada até a mais especializada. Aliado a isto, por não conseguirem empregos no setor formal, muitas pessoas partem para a prestação de serviços, dada a facilidade de entrada em certas atividades.

Neste contexto, analisa-se agora a Bahia, a qual apresenta uma economia industrializada, mas com o setor de serviços dominando a participação no PIB. A agricultura também é uma atividade de destaque no estado, principalmente no oeste, com a soja, que utiliza da mecanização em sua produção, obtendo boas taxas de produtividade (SEI, 2009).

Com o processo de industrialização da Bahia aliado a outros fatores, o estado passa por um processo de aquecimento de suas atividades produtivas a partir dos anos 2000 e cresce relativamente em importância no cenário econômico nacional. À medida que a renda estadual vem crescendo, o setor de serviços tem um estímulo significativo ao seu crescimento, fato este demonstrado no gráfico 3 abaixo:



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da SEI (2009).

O gráfico 3 mostra a grande participação do setor terciário na economia baiana, respondendo por mais de 60% do PIB estadual. Observa-se também no gráfico 3 a redução gradativa da participação da agricultura no PIB do estado. Apesar de que em alguns períodos esta tenha se destacado, principalmente devido ao crescimento econômico e, consequente aumento do consumo interno. Mas, ao longo do período esta perde espaço para o crescimento da indústria, e principalmente do setor terciário. Neste cenário, busca-se nas próximas seções, analisar o papel dos serviços na economia de Poções.

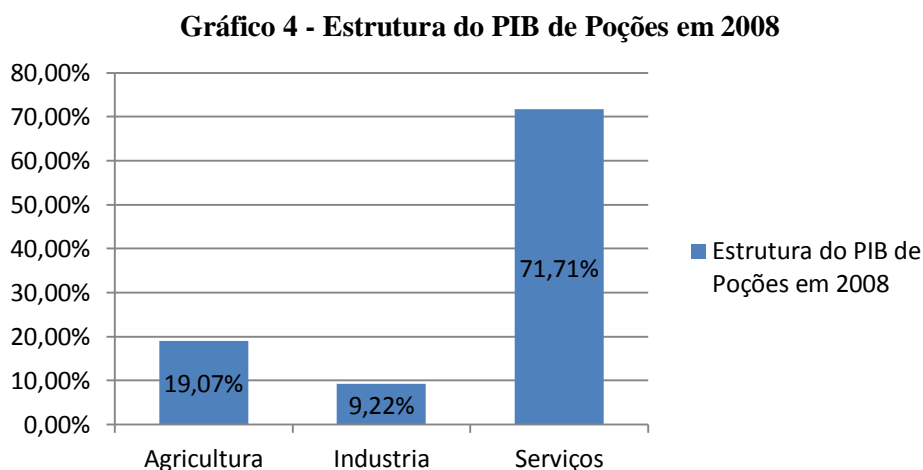
3.2 O município de Poções e a estrutura de sua economia

Poções é uma cidade situada na região sudoeste da Bahia, a 444,4 Km de Salvador, na microrregião de Vitória da Conquista, mesorregião Centro Sul da Bahia. Segundo dados do IBGE (2011) o município apresenta uma extensão territorial de 826,535 Km² e população de 44701 pessoas. Apresenta dois povoados (Morrinhos e Bandeira Nova) e um distrito, o

próprio município. Possui limite territorial com Boa Nova, Bom Jesus da Serra, Iguai, Nova Canãa.

O município está situado às margens da BR 116, tendo atividades comerciais ao redor desta rodovia. O PIB de Poções era 66° da Bahia, em 2008, sendo que em 1999 era 63°. Verifica-se, assim, em termos estatísticos, uma queda na representatividade do município para a economia do estado. Em 2008, o PIB (a preços correntes) da cidade correspondia a R\$ 183.323.000, o que representa o triplo do mensurado em 1999, que era de R\$ 58.964.000.

Segundo dados do IBGE, a economia do município esta estruturada tendo como base o setor de serviços, com 71,71% de participação no PIB (valor adicionado bruto a preços correntes), apresentando o setor agrícola 19,01%, seguido do industrial com 9,22%. O gráfico 4 abaixo mostra a participação dos setores econômicos no PIB da cidade em 2008:



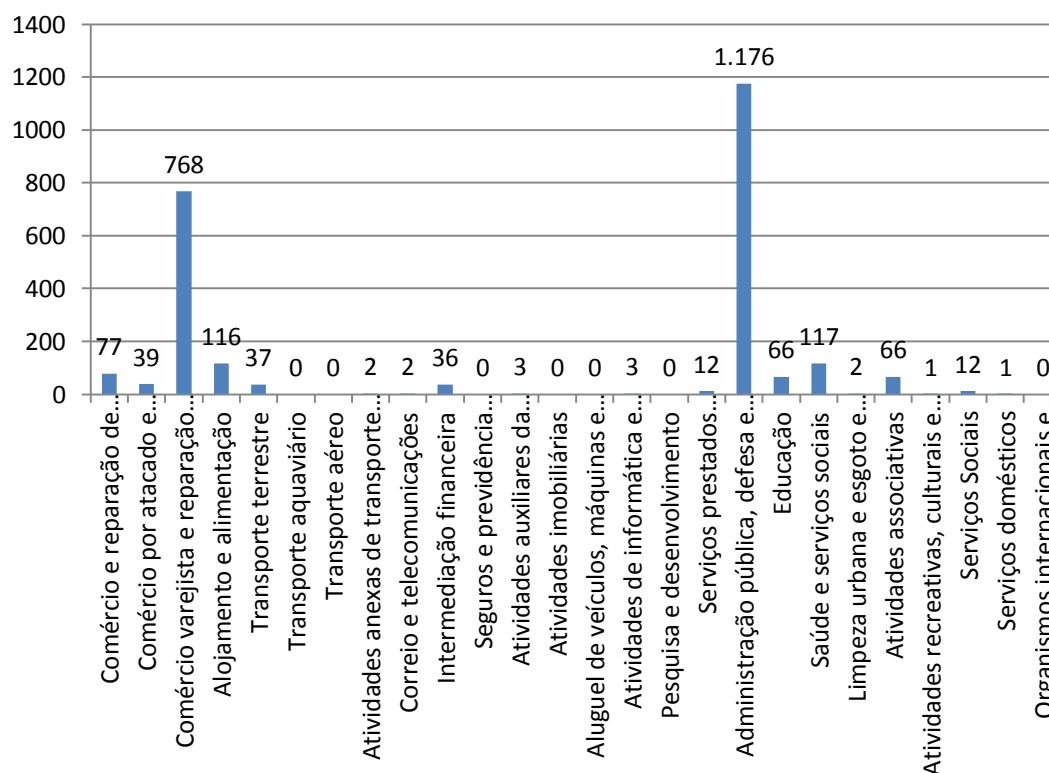
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IBGE (2011).

Percebe-se que o município tem um setor terciário bastante representativo em sua economia. Isto pode ser explicado pelo fato do setor terciário englobar muitas atividades produtivas, com os mais variados níveis de qualificação e tecnologia. Logo, algumas atividades que apresentam facilidade de entrada, e de saída e exigem investimentos menores que outras, acabam atraindo muitos indivíduos.

Meirelles (2005) aponta que o setor serviços apresenta uma grande diversidade de atividades econômicas, que vão desde o comércio até os serviços de educação. Tem-se também que parte significativa dos serviços são intensivos em conhecimento, ou seja, capital humano. Além disto, aquelas atividades intensivas em mão-de-obra e que exigem um menor nível de qualificação empregam muitos trabalhadores liberados da agricultura e indústria.

Desta forma, pode-se analisar que existem atividades terciárias menos intensivas em tecnologia e mais intensivas em mão de obra. O gráfico 5 aponta o número de empregos nas principais atividades de serviços para a economia local, no período entre 2000 e 2011.

Gráfico 5 – Número de empregos nos subsetores de serviços em Poções segundo classificação da CNAE



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados MTE/RAIS 2000-2011.

Verifica-se neste gráfico que a administração pública, com 1176 empregos, o comércio varejista, com 768 e a saúde, com 117, são os maiores empregadores formais do município. Por outro lado, atividades consideradas indutoras do desenvolvimento, como pesquisa, intermediação financeira, serviços prestado às empresas, correios e telecomunicações entre outras, possuem poucos empregos quando comparadas aos subsetores líderes em empregos.

Portanto, a economia de Poções apresenta grande concentração de seu PIB nas atividades terciárias, sendo esta superior aos demais setores juntos. No entanto, as atividades de serviços consideradas indutoras ou com maior potencial para induzir o desenvolvimento, possuem pouca participação nos empregos locais. Diante disto, busca-se, a partir das

próximas seções, a aplicação dos métodos e indicadores, para uma análise da atual conjuntura do setor de serviços na economia municipal.

3.3 Metodologia

Objetivando estimar qual o papel que o setor de serviços possui dentro da economia de Poções, utilizar-se-á nesta pesquisa dos seguintes dados: PIB estadual e Municipal, no período de 2000 a 2011, cuja fonte será o IBGE e a SEI; Registro de emprego total e por subsetor, em nível de Estado, Microrregião e Município., segundo a classificação dos 26 subsetores de serviços da CNAE (Classificação Nacional de Atividades Econômicas), cuja fonte será o Ministério do Trabalho e Emprego. A partir destes dados, aplicar-se-á o quociente locacional QL, o método diferencial-estrutural e do índice de terciarização ajustado, a fim de que se tenham indicadores que retratem satisfatoriamente a realidade.

North (1955) aponta o quociente locacional, desenvolvido por Hildebrand e Mace, como forma de determinar a área de mercado abrangida por cada indústria. Em suas palavras:

Formalmente, o quociente locacional é o equivalente de uma fração, cujo numerador é o emprego em uma dada indústria da economia-objeto, relativo ao emprego total da economia-objeto e cujo denominador é o emprego em uma dada indústria da economia de referência, relativo ao emprego total da economia de referência (NORTH, 1955, p. 253).

O quociente locacional fornece um indicador da especialização regional. Permite a identificação da chamada base exportadora, teoria de North (1955), analisada no capítulo 1. Este indicador permite a captação de um valor aproximado para as variáveis sobre uma região i , a partir das mesmas variáveis obtidas a partir de dados em nível da região de referência (SESSO FILHO; MORETTO; RODRIGUES; GUILHOTO, 2006). Valores acima de 1, indicam a região objeto é especializada e vice-versa. A equação 1 a seguir, determina o modo de cálculo do QL:

$$QL_{SER} = [(E_{SERV/POÇÕES}/E_{TOTAL/POÇÕES})/(E_{SERV/BAHIA}/E_{TOTAL/BAHIA})] \quad (1)$$

$E_{SERV/POÇÕES}$ = emprego no setor de serviços de Poções

$E_{SERV/BAHIA}$ = emprego no setor de serviços da Bahia

E_{total} = emprego total

O método diferencial estrutural se constitui de um método descritivo que aponta os elementos do crescimento a partir de dados estatísticos simples. Em essência, este método parte do pressuposto que o crescimento do número de empregos é diferente entre os setores

econômicos, existindo também disparidades nesta relação entre as regiões. Diante disto, busca-se explicar os diferentes ritmos de crescimento econômico regional a partir da perspectiva de que as regiões possuem diferentes estruturas produtivas, algumas com setores mais dinâmicos, outras com setores menos intensos e também, a região pode ter alterações em sua participação no emprego, logo, no nível de renda e consumo internos (HADDAD, 1989).

Em princípio, o método pode ser delineado pela seguinte formulação, que busca explicar o crescimento do nível de empregos na região, entre certos períodos, conforme expressa a equação (2) abaixo.

$$\sum_i E_{ij}^1 - \sum_i E_{ij}^0 = R + P + D \quad (2)$$

E_{ij}^1 = emprego no subsetor i da região j no período 1

E_{ij}^0 = emprego no subsetor i da região j no período 0

R = variação regional

P = variação proporcional

D = variação diferencial

O termo E_{ij} representa a matriz de dados acerca do emprego, i é o subsetor regional e j , representa o crescimento do emprego no período de referência. O modelo baseia-se em dividir num componente estrutural e noutro componente diferencial, dentro de cada região, as discrepâncias entre o crescimento efetivo e o crescimento teórico ou estimado em comparação ao da região de referência. Os sinais dos componentes serão determinados de acordo com dinamismo regional (CARVALHO, 1979).

Souza (2009) aponta que certas regiões possuem um crescimento maior que outras. Em suas palavras:

Os fatores de produção deslocam-se para as regiões de mais rápido crescimento, configurando lhes vantagens adicionais. Segue uma tendência à concentração do crescimento no espaço, o que agrava os desequilíbrios regionais. Algumas com desempenho abaixo da média do conjunto da economia podem possuir setores com maior dinamismo de crescimento econômico das regiões (SOUZA, 2009, p. 118).

A variação regional representa a perspectiva de crescimento da região se esta crescesse ao mesmo nível que a região base. Assim, ter-se-á a seguinte equação (3):

$$R = \sum_i E_{ij}^0 (r_{tt} - 1) \quad (3)$$

r_{tt} = representa a taxa de crescimento total da região de referência, no presente trabalho, a Microrregião de Vitória da Conquista.

O fator proporcional P , representa o dinamismo dos subsetores locais quando comparados com a região base. Pode ser tanto positivo quanto negativo. Terá sinal positivo se

os subsetores locais forem mais dinâmicos quando comparados aos da região de referência. Será negativo quando os subsetores apresentarem taxas de crescimento baixas e inferiores às da região base (HADDAD, 1989). A equação (4) determina o fator proporcional:

$$P = \sum_i E_{ij}^0 (r_{it} - r_{tt}) \quad (4)$$

r_{it} = taxa de crescimento do emprego no subsetor i na região base, no caso a Microrregião de Vitória da Conquista.

A variável D representa as oscilações diferenciais dos subsetores, que crescem mais rapidamente que a média regional. Assim, estes apresentam certa vantagem sobre os outros, pois, podem impulsionar o crescimento local. A equação (5) abaixo mostra como se chega ao efeito diferencial:

$$D = \sum_i E_{ij}^0 (r_{ij} - r_{it}) \quad (5)$$

r_{ij} = taxa de crescimento do emprego no subsetor i da região j , no caso do trabalho em questão, a taxa de crescimento do emprego nos subsetores de Poções.

Visando tornar este método mais abrangente, utilizar-se-á a classificação de Esteban-Marquillas (1972 apud HADAD, 1989), na qual se inclui o chamado “emprego homotético”, que estima o crescimento que determinado subsetor i apresentaria, se a região em estudo j , apresentasse uma estrutura produtiva semelhante à região de referencia t . No caso, se Poções possuísse uma estrutura e capacidade produtiva parecida com a da Microrregião de Vitória da Conquista. A equação (7) demonstra esta modificação:

$$D' = [\sum_i E_{ij}^{0'} (r_{ij} - r_{it})] \quad (7)$$

$E_{ij}^{0'}$ = emprego no período 0 se o subsetor i da região j apresentasse a mesma estrutura produtiva da região de referência.

Esteban-Marquillas também introduziram o efeito alocação, através do qual se procura uma melhor compreensão do crescimento regional, ocultado pelas variações competitivas da região. Este efeito é representado abaixo pela equação (8):

$$A = [\sum_i (E_{IJ} - E'_{IJ}) (r_{ij} - r_{it})] \quad (8)$$

A = Efeito alocação

A partir disto, pode-se apontar a existência ou não das vantagens competitivas ou desvantagens competitivas especializadas ou não de acordo com o quadro 2, abaixo:

Quadro 2 – Caracterização do efeito alocação para as regiões.

Classificação	Alocação	Especialização	Vantagem competitiva
Desvantagem Competitiva Especializada (DCE)	-	+	-
Desvantagem Competitiva Não Especializada (DCNE)	+	-	-
Vantagem Competitiva Não Especializada (VCNE)	-	-	+
Vantagem Competitiva Especializada (VCE)	+	+	+

Fonte: HADDAD et al (apud LIMA; SIMÕES, 2010).

A região em estudo j terá vantagem competitiva se o setor i crescer mais nela do que na região de referência t . caso contrário, terá desvantagem competitiva. Já a especialização, ocorrerá se o número de empregos da região j , quando comparado ao número de empregos que ela teria a mais, se possuísse a mesma estrutura produtiva da região de referência t , for positivo. Se negativo, será não especializada. Assim, aplicar-se-á o método estrutural diferencial para a captação das atividades de serviços mais dinâmicas e competitivas, classificando-as em VCE (Vantagem Competitiva Especializada), VCNE (Vantagem competitiva Não Especializada), DCE (Desvantagem Competitiva Especializada), DCNE (Desvantagem Competitiva Não Especializada) e apontando aquelas que possuem maior potencial para o desenvolvimento local.

Outro índice adotado neste trabalho é o índice de terciarização que, utiliza as massas dos setores econômicos para mesurar a centralidade de determinado local. Em outras palavras:

It é um índice da capacidade de transbordamento da oferta desses serviços para outras localidades, que são atraídas por esse “lugar central de ordem superior” para o consumo de seus serviços. Ou seja, a “capacidade de transbordamento” mede a capacidade da oferta de serviços de atrair demanda no espaço, enquanto a “capacidade de carregamento” mede a capacidade da oferta de sustentar a demanda regional. (LEMOS et al, 2003, p. 671)

A equação 9 abaixo demonstra como é calculado o índice de terciarização:

$$I = [M_S / (M_S + M_A + M_I)] \quad (9)$$

M_S = massa de rendimentos do setor serviços
 M_A = massa de rendimentos do setor agropecuário
 M_I = massa de rendimentos do setor industrial

O índice de terciarização capta bem a realidade de locais com muitas atividades produtivas, já para as regiões menos dinâmicas, com menor número de atividades produtivas, ele apresenta distorções. A fim de resolver este problema, criou-se o índice de terciarização ajustado. Neste tem-se um indicador com “lastro produtivo”, que mensura melhor a massa

econômica, criando a variável massa total convertida Mt_c . (LEMOS; DINIZ; GUERRA; MORO, 2003, p. 672)

A equação 10 a seguir representa este índice e a Mt_c :

$$Mtc = 1 - e^{-\{[-\ln(0,05)/Mt_{ref}]*Mt_i\}} \quad (10)$$

$$I_* = I * M_c \quad (11)$$

Mt_c = massa de rendimentos total convertida
 Mt_{ref} = massa de rendimentos total de referência
 Mt_i = massa de rendimentos total da região
 I_* = índice de terciarização ajustado

3.4 A centralidade de Poções

As atividades terciárias dependem muitas vezes das economias de escala para ter um bom patamar de lucratividade e eficiência. Para isto, a localização espacial dos ofertantes é um fator decisivo. Aliado a isto, certos serviços, chamados de básicos, precisam ter baixos custos para atender uma grande demanda de indivíduos.

Retomando a teoria dos lugares centrais de Christaller, analisada no capítulo 1, percebe-se a existência de uma centralidade na oferta de certos serviços, que são disponibilizados apenas em certos espaços urbanos, devido a complexidade e a existência de um público demandante mínimo para a viabilidade do serviços (AMARAL; SIMÕES; OLIVEIRA, [200-]).

As atividades terciárias apresentam como característica a restrição espacial, pois não possuem fácil transportabilidade, e concentram-se nos centros urbanos, polarizando determinadas regiões, e atraindo um grande número de indivíduos, criando também um fluxo de pessoas das localidades ao seu redor em direção ao seu centro.

Diante disto, utiliza-se o quociente locacional como indicador da especialização ou não, de determinada região. Este indicador analisa a participação de certa região no número de empregos em algum subsetor, comparando com a participação desta região no total de empregos da região de referência e encontrando os potenciais de exportação ou a base econômica regional (LIMA; SIMÕES, 2010).

O quociente locacional aplicado para Poções, com base na classificação das atividades de serviços da CNAE, apontou que a cidade é especializada em serviços, uma vez que o QL é acima de 1, tendo o valor de 1,31. Isto provavelmente é fruto do grande peso dos serviços públicos e do comércio para a economia local. A falta de indústrias expressivas também deve

ter contribuído para este cenário. A tabela 1 abaixo, mostra o QL para Poções e cidades circunvizinhas.

Tabela 1 - Quociente Locacional para Poções e cidades ao entorno

POÇÕES	1,31
BOM JESUS DA SERRA	1,45
MIRANTE	1,43
BOA NOVA	1,38
PLANALTO	1,25
NOVA CANÃA	1,15
VITÓRIA DA CONQUISTA	0,99

Fonte: Elaboração própria a partir do registro de emprego do MTE/RAIS 2000-2011.

Outra característica revelada pelo QL é a chamada base exportadora, analisada no capítulo 1. Esta consiste no corolário do surgimento de uma atividade produtiva de exportação dinâmica, a qual deve aproveitar as especificidades regionais que o fator locacional favoreça. Isto é, a localidade deve produzir algo que aproveite os insumos da região, impulsionando a economia local e criando-se uma base de exportação para os bens produzidos (MONASTERIO; CAVALCANTE, 2011).

Vitória da Conquista, segundo o QL, não é especializada em serviços. No entanto, isto deve ser resultado da existência de muitos empregos nos outros setores produtivos, enquanto as demais cidades trabalhadas possuem poucos empregos nos outros setores. No caso de Poções, o QL aponta os serviços como base exportadora e que, através dos encadeamentos produtivos, pode dinamizar e impulsionar a economia local rumo ao desenvolvimento. Isto porque a base de exportação eleva o ritmo das atividades produtivas, aumentando o nível de renda, e conseqüentemente, permitindo a produção interna de bens e serviços antes importados, pois ocorrerá a formação de um mercado consumidor.

A aplicação do quociente locacional para as atividades de saúde e educação apontou que Vitoria da conquista é especializada nestes serviços. Poções também possui certa representatividade, porém os demais municípios são pouco expressivos e, em alguns, não houve dados a respeito. As tabelas 2 e 3 a seguir mostram os resultados:

Tabela 2 - Quociente locacional da saúde para Poções e cidades ao entorno

POÇÕES	0,92843488
BJS	0
MIRANTE	0
BOA NOVA	0
PLANALTO	0
NOVA CANÃA	0
VITÓRIA DA CONQUISTA	1,333023854

Fonte: Elaboração própria a partir do registro de emprego do MTE/RAIS 2000-2011.

Tabela 3 – Quociente locacional da Educação para Poções e cidades Vizinhas

POÇÕES	0,531417508
BJS	0
MIRANTE	0
BOA NOVA	0
PLANALTO	0,137042384
NOVA CANÃA	0,024841016
VITÓRIA DA CONQUISTA	1,062676032

Fonte: Elaboração própria a partir do registro de emprego do MTE/RAIS 2000-2011.

Os serviços desempenham um papel de polarizador regional, ou em outras palavras, possuem

a função primordial da centralidade é polarizar através da oferta de bens e serviços para suas regiões complementares, bens e serviços centrais como comércio atacadista e varejista, serviços bancários, organizações de negócios, serviços profissionais, serviços administrativos, além de serviços tais como de educação e diversão, as chamadas amenidades urbanas. Desta forma o crescimento das cidades leva a uma expansão mais do que proporcional na demanda de bens e serviços centrais, e, portanto, da renda líquida recebida pelos habitantes (AMARAL; SIMÕES; OLIVEIRA, [200-], p. 2)

Christaller (1933 apud CLEMENTE; HIGACHI, 2000) elaborou o modelo gravitacional, discutido no Capítulo 1. Neste, parte-se da pressuposição de que existem polos ou cidades centrais, que ofertam bens e serviços de maior complexidade e que exigem um mercado consumidor mínimo para sua viabilidade. Ao redor das regiões ou cidades centrais, gravitam as cidades com menor dinamismo econômico, que apresentam um fluxo de pessoas rumo às cidades centrais, em busca de serviços especializados e certos bens.

Na cidade de Poções, os serviços bancários, os serviços técnicos (eletrônica, mecânicos, elétricos etc.) e o comércio apresentam-se como grandes responsáveis pela atração de indivíduos das cidades vizinhas. Assim, essas atividades induzem a um fluxo de pessoas em direção à cidade que centraliza a oferta destes serviços.

Em Poções, existe um fluxo de pessoas oriundas de cidades circunvizinhas, como Boa nova, Bom Jesus da Serra e Mirante. Estes indivíduos vêm à cidade em busca, principalmente de serviços bancários, e acabam comprando no comércio local. Desta forma, acabam injetando recurso na economia municipal.

Outro ponto de destaque sobre a polarização que determinadas atividades de serviços exercem é que o crescimento dos centros urbanos depende do nível de demanda por serviços especializados existente no lugar central. Desta forma, à medida que o fluxo de pessoas em

busca de serviços específicos cresce, o lugar central tende a se expandir, pois ocorrerá uma injeção de renda e também, a elevação do dinamismo local (AMARAL; SIMÕES; OLIVEIRA, [200-]).

A fim de confirmar a polarização exercida por Poções sobre as cidades ao seu redor, utiliza-se do Índice de Terciarização que proporciona o estabelecimento de uma “hierarquia” entre as regiões ou localidades, dada a capacidade de carregamento e transbordamento dos serviços (LEMOS; DINIZ; GUERRA, 2003).

A tabela 4 abaixo aponta os resultados da aplicação do Índice de terceirização para a cidade de Poções e outras ao entorno.

Tabela 4 - Índice de terciarização ajustado para Poções e cidades ao entorno

Poções	0,005
Bom Jesus da Serra	0,0007
Boa Nova	0,0014
Planalto	0,0026
Mirante	0,00078
Nova Canãa	0,0016
Manoel Vitorino	0,0013
Vitoria da Conquista	0,05

Fonte: Elaboração própria a partir do registro de emprego do MTE/RAIS 2000-2011.

Verifica-se, com a aplicação do Índice de terciarização, que Poções têm um IT de 0.005, o que é bem superior ao das demais cidades ao seu entorno, com exceção de Vitoria da Conquista, cujo índice de terciarização ajustado é de 0.05, indicando que esta cidade polariza todas as cidades analisadas neste trabalho. No entanto, Poções pode estar polarizando alguns destes municípios no fornecimento de certos serviços especializados. Logo, estes podem estar concentrando a oferta de serviços complexos, evidentemente que em diferentes graus, haja vista que Vitoria da Conquista possui uma estrutura econômica muito superior à de Poções. Apesar disto, Poções pode ser considerada, uma cidade central quando comparada com Bom Jesus da Serra, Boa Nova, Mirante e Nova Canãa.

O grau de complexidade dos serviços ofertados determina a amplitude do lugar central, ou seja, ele será mais abrangente, atendendo uma área maior em razão direta com a sua complexidade. Os centros mais dinâmicos se sobrepõem aos menores formando redes de serviços, com complementaridades e independências (AMARAL; SIMÕES; OLIVEIRA, [200-]).

Portanto, certos serviços de maior complexidade, como especialidades de Saúde, educação, informática e financeiros, serão ofertados no polo mais representativo (no caso,

Vitoria da Conquista) e outros não tão complexos serão ofertados em Poções, que poderá centralizar as cidades ao seu redor, no fornecimento destes serviços.

3.5 O efeito alocação para Poções

Aplicou-se também o método diferencial-estrutural para o município de Poções, com o intuito de se verificar as atividades de serviços mais dinâmicas para a cidade, de acordo com classificação dos serviços proposta pela CNAE. Assim, apontam-se os subsetores de serviços que possuem VCE, VCNE, DCE e DCNE.

Este método visa identificar os elementos que compõem o crescimento regional entre dois períodos t_0 e t_1 . Assim, comparam-se as alterações ocorridas na economia de Poções entre os anos 2000 e 2011. Aliado a isto, o efeito alocação aponta os subsetores mais dinâmicos da cidade e também os menos representativos. Desta forma, aplicou-se este método para Poções e chegou-se aos seguintes resultados, mostrados na tabela 5:

Tabela 5: Efeito alocação para Poções no período 2000-2011

Subsetores	POÇÕES
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio e varejo de combustíveis.	VCNE
Comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio	VCNE
Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos	VCE
Alojamento e alimentação	VCNE
Transporte terrestre	VCNE
Atividades anexas de transporte e agências de viagem	DCNE
Correio e telecomunicações	DCNE
Intermediação financeira	VCE
Seguros e previdência complementar	DCNE
Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar	DCNE
Atividades imobiliárias	DCNE
Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores	VCNE
Atividades de informática e serviços relacionados	DCNE
Serviços prestados principalmente às empresas	DCNE
Administração pública, defesa e seguridade social	DCE
Educação	VCNE
Saúde e serviços sociais	DCE
Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas	DCNE
Atividades associativas	VCNE
Atividades recreativas, culturais e desportivas	DCNE
Serviços Sociais	VCNE
Serviços domésticos	DCNE

Fonte: elaboração própria a partir do registro de emprego do MTE/RAIS 2000-2011.

Analisando a tabela 5, apresentada anteriormente, percebe-se que as atividades de serviços mais dinâmicas de Poções são o comércio varejista aliado à reparação de objetos pessoais e domésticos e as atividades de intermediação financeira. Já as demais atividades de serviços que existiam no município, apresentaram vantagem competitiva não especializada, desvantagem competitiva especializada ou não especializada.

As atividades que tiveram a classificação de desvantagem competitiva não especializada possuem pouco dinamismo, quando comparadas com as demais. Estas apresentaram um crescimento inferior quando comparadas as mesmas atividades da região de referência, no caso Vitória da Conquista, e se a cidade de Poções possuísse a mesma estrutura produtiva da região de referência, teria menos empregos que esta. As atividades com DCNE são as seguintes: anexas de transporte e agências de viagem, correio e telecomunicações, seguros e previdência complementar, atividades auxiliares de intermediação financeira e previdência, atividades imobiliárias, atividades de informática, serviços prestados às empresas e serviços domésticos.

Sendo assim, verifica-se que Poções apresenta certa centralidade, confirmada pelo índice de terciarização. Quando comparada com as cidades ao seu entorno, é especializada em serviços, segundo o quociente locacional, tem vantagem competitiva em alguns setores e vantagem competitiva especializada em outros. Isso implica a existência de subsetores dinâmicos, com potencial para o possível desenvolvimento econômico da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento regional, como preconizado no capítulo 1, pode ser oriundo de vários formatos de aglomeração, porém todas necessitam de uma atividade produtiva dinâmica, que muitas vezes fica centralizada em certos locais. Percebe-se que os serviços possuem características polarizadoras e se encaixam bem, evidentemente que com certos ajustes, dentro das teorias de localização.

Os serviços que foram classificados como residuais em certo período no pensamento econômico, adquiriram importância substancial, tanto na geração de empregos quanto na produção e riquezas. Deste modo, os serviços possuem um papel de destaque para a economia, respondendo por cerca de 70,7% do PIB mundial em 2010 segundo dados do Banco Mundial. Em Poções, os serviços representavam 71,71% do PIB em 2008, segundo dados da SEI. Aliado a isto, as atividades de serviços englobam uma grande parcela da mão-de-obra em idade ativa, desde as menos qualificadas até as com alto nível de qualificação.

Outro ponto relevante é que as atividades terciárias podem aproveitar as potencialidades regionais, através da criação e consolidação de encadeamentos produtivos. Tem-se assim a possibilidade da formação de redes de serviços que explorem as vantagens locais e induzam o desenvolvimento regional.

Confirmaram-se as hipóteses de que o setor terciário tem um papel substancial para a economia de Poções, pois, segundo os dados do registro de empregos do MTE, detém 90,4% dos empregos formais da cidade e de que os serviços públicos tem um peso significativo para a economia local, uma vez que, 53,7% dos empregos formais no setor terciário, estão nos serviços públicos.

Aplicando-se as concepções das teorias da economia regional com os postulados dos teóricos sobre os serviços e utilizando-se dos métodos Quociente Locacional, Índice de terciarização ajustado e diferencial-estrutural, foi possível captar qual papel exercido pelo setor de serviços em Poções, que é o objetivo geral desta pesquisa.

A análise dos resultados da aplicação dos métodos acima mencionados mostrou que o setor de serviços tem um papel substancial para a economia local. Aliado a Isto, o quociente Locacional foi de 1.31, indicando que a cidade é especializada em Serviços. Já o índice de terciarização ajustado (IT) resultou em 0.005, superior a quase a todas as cidades trabalhadas nesta pesquisa, que são Bom Jesus da Serra, Boa Nova, Mirante, Planalto, Manoel Vitorino e

Nova Canãa. À exceção foi Vitória da Conquista cujo IT foi de 0.05, dada que sua estrutura produtiva é muito superior ao dos demais municípios da Microrregião.

O primeiro objetivo específico era verificar se Poções exerce certa centralidade sobre os municípios ao seu entorno. Segundo os resultados do IT, Poções é polarizada por Vitória da Conquista, o grande centro produtor e consumidor da região sudoeste da Bahia. No entanto, ela Centraliza outras cidades circunvizinhas, como Bom Jesus da Serra, Boa Nova, Nova Canãa e Manoel Vitorino. Logo, esta exerce a função de um lugar central próximo às concepções de Christaller.

O segundo objetivo específico era apontar os subsetores de serviços, segundo a classificação da CNAE, mais dinâmicos para a economia local. A aplicação do Método diferencial-estrutural resultou que as atividades de serviços mais dinâmicas do município são a intermediação financeira e o comércio varejista e de reparação de objetos pessoais e domésticos. Estes apresentaram vantagem competitiva especializada. Já as atividades de comércio e reparação de veículos automotores, comércio por atacado, alojamento e alimentação, transporte terrestre, aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores, educação e serviços sociais, apresentaram vantagem competitiva não especializada, ou seja, possuem certo dinamismo, mas não a ponto da especialização.

As atividades de serviços com vantagem competitiva especializada e de certa forma as não especializadas, podem ser apontadas como as principais atividades de serviços centralizadas por Poções e que, atraem certo fluxo de pessoas das cidades que gravitam ao entorno do município. Isto porque, apresentam vantagem competitiva, podendo propiciar serviços mais complexos.

Diante disto, verificou-se que os serviços tem um papel relevante para a economia de Poções, pois parte significativa dos empregos formais se encontra neste setor. Desta forma, boa parte da renda que movimenta a economia local é oriunda do terciário. Evidentemente que os serviços públicos têm um peso significativo. No entanto, neste setor encontram-se atividades que se mostraram dinâmicas, centralizadas e com potencial para o desenvolvimento local.

A aplicação do QL para os subsetores dos serviços de saúde e educação apontou que Vitória da Conquista é uma cidade especializada nestes, enquanto Poções apresenta certa representatividade. No entanto, a cidade não é especializada em serviços de saúde ou nos educacionais.

Portanto, apesar de apresentar setores pouco dinâmicos, Poções exerce certa centralidade na oferta de serviços específicos, sendo que Vitória da Conquista é o grande centro regional. Assim, faz-se necessário a elaboração e aplicação de políticas públicas que propiciem a exploração dos potenciais produtivos locais, utilizando suas vantagens competitivas e buscando-se a criação e consolidação dos encadeamentos produtivos, a fim de que se possa alcançar o desenvolvimento local e regional.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo Henrique de. Produtividade e improdutividade dos serviços na historia do pensamento econômico. **Bahia análise & dados**. Salvador, v6, n. 4, março de 1997.
- AMARAL, Pedro Vasconcelos M; SIMÕES, Rodrigo Ferreira; OLIVEIRA, Ana Maria H. C. **A CENTRALIDADE É O CENTRO: UMA ANÁLISE DO SETOR DE SERVIÇOS DE BELO HORIZONTE**. Belo Horizonte: Cedeplar, [200-].
- AMORIM, Mônica Alves. **Clusters como estratégia de desenvolvimento industrial no Ceará**. Fortaleza: Banco do Nordeste 1998.
- ARAÚJO, Miriam Rebouças. **Soluções de Desenvolvimento Regional: Cluster, Distrito Industrial e Milieu Innovateur**. Fortaleza: UFCE, 1999.
- BARROS, Areza Batista Gomes. SILVA, Norma Lucia Oliveira da. SPINOLA, Nodio Dantaslé. Desenvolvimento local e Desenvolvimento Endógeno: Questões Conceituais. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, 2006.
- BELL, Daniel. **O Advento da Sociedade Pós-industrial: Uma Tentativa de Previsão Social**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- BRUE, Stanley L. **Historia do pensamento econômico**. 6º ed. São Paulo: Thomson Learning, 2006.
- CLEMENTE, Ademir; HIGACHI, Hermes Y. **Economia e desenvolvimento regional**. São Paulo: Atlas, 2000.
- CARVALHO, Livio W. R. Uma aplicação do método estrutural-diferencial para análise do desenvolvimento do Centro-Oeste. **Revista brasileira de economia**, Rio de Janeiro, jul.-set, 1979.
- FURTADO, Celso. **Teoria e política de desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Economistas)
- HADDAD, P. R. (Org.). **Economia regional: teorias e métodos de análise**. Fortaleza: BNB, 1989.
- HISCHYMAN, Albert. **Transmissão inter-regional e internacional do crescimento econômico**. New Haven: Yale University Press, 1958.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTÁTISTICA (IBGE). **PIB dos municípios Brasileiros**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> acesso em: 22 mai. 2013.
- KELLER, Paulo Fernandes. **Clusters, distritos industriais e cooperação interfirmas: uma revisão da literatura**. [S.l.: s.n.], 2008.
- KEYNES, John Maynard. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. 2ªed. São Paulo: Nova Cultural, 1983. (Os Economistas)

KON, Anita. **Economia de serviços: teoria e evolução no Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

LEMOS, Mauro Borges; DINIZ, Clelio Campolina; GUERRA, Leonardo Pontes; MORO, Sueli. A Nova Configuração Regional Brasileira e sua Geografia Econômica. **Est. Econ.** São Paulo, v. 33, n. 4, p 665-700, out-dez, 2003.

LIMA, Ana Carolina da Cruz; SIMÕES, Rodrigo Ferreira. **Centralidade e emprego na região Nordeste do Brasil no período 1995/2007**. Revista Nova economia, Belo Horizonte, Janeiro a Abril de 2010.

LIST, Georg Friedrich. **Sistema nacional de economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Economistas)

MARSHALL, Alfred. **Princípios de Economia**. Vol. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Economistas)

MALTHUS, Thomas Robert. **Princípios de Economia Política e Considerações Sobre sua Aplicação Prática**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Economistas)

MEIRELLES, Dimária Silva. O Conceito de Serviço. **Revista de Economia Política**, São Paulo, vol. 26, nº 1 (101), PP. 119-136, janeiro-março/2006.

MYRDAL, Gunnar. **Aspectos Políticos da Teoria econômica**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Os Economistas)

MONASTÉRIO, Leonardo; CAVALCANTE, Luis Ricardo. **Fundamentos do pensamento econômico regional**. Brasília: IPEA, 2011.

NORTH, Douglas C. **Teoria da localização e crescimento econômico regional**. Chicago: The University of Chicago Press, 1955.

PERROUX, François. **O conceito de polo de crescimento**. [S.l.], Economie Appliquee, 1955.

PORTO JUNIOR, Sabino. **Economia Regional: Método Estrutural-Diferencial**. Rio Grande do sul: [S.l.], 2005.

SAY, Jean Baptiste. **Tratado de economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Economistas)

SESSO FILHO, Umberto Antônio; MORETTO, Antônio Carlos; RODRIGUES, Rossana Lott; GUILHOTO, Joaquim Jose Martins. **Interações sinérgicas e transbordamento do efeito multiplicador de produção das grandes regiões do Brasil**. São Paulo: Econ. Aplic. v. 10, n. 2, p. 225-247, abr/jun 2006.

SHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Os Economistas)

SMITH, Adam. A riqueza das nações. **Investigação Sobre sua Natureza e suas Causas**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento Regional**. São Paulo: Atlas, 2009.

SUPERINTENDÊNCIA ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA (SEI). **PIB dos municípios Baianos**. Disponível em: <<http://www.sei.ba.gov.br>> acesso em: 12 fev. 2013.

TIEBOUT, Charles M. **AS EXPORTAÇÕES E O CRESCIMENTO ECONÔMICO REGIONAL**. [S.l.]: *Jornal of Political Economy*, 1956.

VALE, Maria Vasconcellos; CASTRO, Jose Carlos. Clusters, Arranjos Produtivos Locais, Distritos Industriais: Reflexões sobre Aglomerações Produtivas. **Revista Análise Econômica**, Porto Alegre, ano 28, n. 53, p. 81-97, mar. 2010.

VECCHIA, Raquel Virmond Rauen Dalla. Arranjos produtivos locais como estratégia de desenvolvimento regional e local. **Revista Capital Científico**, Guarapuava, v.4 n.1 2006.

APÊNDICE

Índice de Terciarização

$$I = [M_S / (M_S + M_A + M_I)]$$

M_S = massa de rendimentos do setor serviços

M_A = massa de rendimentos do setor agropecuário

M_I = massa de rendimentos do setor industrial

Índice de terciarização de Poções e cidades vizinhas

Poções	0,698993567
Bom Jesus da Serra	0,762005961
Boa Nova	0,733446463
Planalto	0,694241959
Mirante	0,707011385
Nova Canãa	0,668598527
Manoel Vitorino	0,702794981
Vitoria da Conquista	0,681295933

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SEI/IBGE, 2010.

Índice de Terciarização ajustado

$$M_{tc} = 1 - e^{-\{[-\ln(0,05)/M_{tref}] * M_{ti}\}}$$

M_{tc} = massa de rendimentos total convertida

Massa de rendimentos total convertida de Poções e cidades vizinhas

Poções	0,005121085
Bom Jesus da Serra	0,000741404
Boa Nova	0,001367942
Planalto	0,002558347
Mirante	0,000771193
Nova Canãa	0,001537474
Manoel Vitorino	0,001311385
Vitoria da Conquista	0,073730482

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SEI/IBGE, 2010

$$I_* = I * M_{tc}$$

I_* = índice de terciarização ajustado

Índice de terciarização ajustado para Poções e cidades ao entorno

Poções	0,003579605
Bom Jesus da Serra	0,000564954
Boa Nova	0,001003312
Planalto	0,001776112
Mirante	0,000545243
Nova Canãa	0,001027953
Manoel Vitorino	0,000921635
Vitoria da Conquista	0,050232278

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SEI/IBGE, 2010.

Método estrutural diferencial

Classificação dos subsetores de Serviços da CNAE (Classificação Nacional de Atividades Econômicas)

Ordem	Subsetores
1	Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio e varejo de combustíveis
2	Comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio
3	Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos
4	Alojamento e alimentação
5	Transporte terrestre
6	Transporte aquaviário
7	Transporte aéreo
8	Atividades anexas de transporte e agências de viagem
9	Correio e telecomunicações
10	Intermediação financeira
11	Seguros e previdência complementar
12	Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar
13	Atividades imobiliárias
14	Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores
15	Atividades de informática e serviços relacionados
16	Pesquisa e desenvolvimento
17	Serviços prestados principalmente às empresas
18	Administração pública, defesa e seguridade social
19	Educação
20	Saúde e serviços sociais
21	Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas
22	Atividades associativas
23	Atividades recreativas, culturais e desportivas
24	Serviços Sociais
25	Serviços domésticos
26	Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais

Fonte: Elaboração própria a partir da classificação dos subsetores da CNAE.

Empregos Formais por subsetor de Serviços, segundo classificação da CNAE

Subsetor	POÇÕES 2000	POÇÕES 2011	MIC. CONQUISTA 2000	MIC. CONQUISTA 2011
1	37	77	1.957	3.247
2	12	39	1.190	2.587
3	215	768	5.092	13.614
4	12	116	842	2442
5	4	37	2.780	4.523
6	0	0	0	0
7	0	0	0	0
8	4	2	137	284
9	6	2	235	298
10	21	36	448	689
11	0	0	69	200
12	0	3	39	59
13	0	0	277	970
14	0	0	52	0
15	0	3	27	52
16	0	0	0	0
17	24	12	948	497
18	594	1.176	9.971	20.390
19	14	66	739	2.339
20	76	117	1.822	2893
21	0	2	2	219
22	8	66	925	2.371
23	6	1	299	242
24	2	12	163	364
25	0	1	8	32
26	0	0	0	0
Total	1035	2536	28.022	58.312

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE.

Variação do número de empregos por subsetor de serviços da CNAE, no período entre 2000 e 2011.

Subsetor	$\Delta\%$ por subsetor Poções	Δ por subsetor Poções	$\Delta\%$ por subsetor Microrregião de Vitória da Conquista	Δ por subsetor Microrregião de Vitória da Conquista
1	1,081081081	40	0,659172202	1.290
2	2,25	27	1,17394958	1.397
3	2,572093023	553	1,673605656	8.522
4	8,666666667	104	1,90023753	1.600
5	8,25	33	0,626978417	1.743
6		0		0
7		0		0
8	-0,5	-2	1,072992701	147
9	-0,666666667	-4	0,268085106	63
10	0,714285714	15	0,537946429	241
11		0	1,898550725	131
12		3	0,512820513	20
13		0	2,501805054	693
14		0	-1	-52
15		3	0,925925926	25
16		0		0
17	-0,5	-12	-0,475738397	-451
18	0,97979798	582	1,044930298	10.419
19	3,714285714	52	2,165087957	1.600
20	0,539473684	41	0,587815587	1.071
21		2	108,5	217
22	7,25	58	1,563243243	1.446
23	-0,833333333	-5	-0,190635452	-57
24	5	10	1,233128834	201
25	0	1	3	24
26		0		0

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE.

Aplicação do método Estrutural Diferencial - Resultados

$$\sum_i E_{ij}^1 - \sum_i E_{ij}^0 = R + P + D \quad (2)$$

E_{ij}^1 = emprego no subsetor i da região j no período 1

E_{ij}^0 = emprego no subsetor i da região j no período 0

R = variação regional

P = variação proporcional

D = variação diferencial

$$R = \sum_i E_{ij}^0 (r_{tt} - 1)$$

r_{tt} = taxa de crescimento do emprego total na região de referência

$$P = \sum_i E_{ij}^0 (r_{it} - r_{tt})$$

r_{it} = taxa de crescimento do emprego no subsetor i na região de referência

$$D = \sum_i E_{ij}^0 (r_{ij} - r_{it})$$

r_{ij} = taxa de crescimento do emprego no subsetor i na região j ou em análise

$$D' = [\sum_i E_{ij}^{0'} (r_{ij} - r_{it})]$$

$E_{ij}^{0'}$ = emprego Homotético ou número de empregos que a o subsetor i da região j apresentaria se a região j tivesse a mesma estrutura produtiva da região de referência

$$A = [\sum_i (E_{ij} - E_{ij}') (r_{ij} - r_{it})]$$

A = Efeito alocação

Aplicação do método Estrutural Diferencial – Resultados

Subsetor	R	P	D	D ¹
1	2,994647059	-15,6052756	15,6106285	30,49655
2	0,971236884	1,116158074	12,912605	47,295607
3	17,40132751	127,4238885	193,174784	168,98245
4	0,971236884	9,831613472	81,1971496	210,43252
5	0,323745628	-1,81583196	30,4920863	782,73214
6	0	0	0	0
7	0	0	0	0
8	0,323745628	-0,03177483	-6,2919708	-7,9595496
9	0,485618442	-4,8771078	-5,60851064	-8,1134466
10	1,699664547	-11,4027895	3,703125	2,9178859
11	0	0	0	-4,8385197
12	0	0	0	-0,7387053
13	0	0	0	-25,596139
14	0	0	0	1,9206338
15	0	0	0	-0,9233816
16	0	0	0	0
17	1,942473768	-37,3601953	-0,58227848	-0,8495111
18	48,07622576	-21,3876288	-38,6885969	-23,98703
19	1,133109698	15,1781217	21,6887686	42,285602
20	6,151166932	-37,4771823	-3,67398463	-3,2532193
21	0	0	0	-8,0149525
22	0,647491256	3,85845469	45,4940541	194,28873
23	0,485618442	-7,62943115	-3,85618729	-7,0977268
24	0,161872814	0,304384855	7,53374233	22,678253
25	0	0	0	-0,8864464
26	0	0	0	0
Total	83,76918125	20,12540404	353,105415	1411,7717

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE.

Método Estrutural Diferencial (Versão de Esteban-Marquillas)

Subsetor	E^1_{ij}	$(E_{ij}-E^1_{ij})$	$(r_{ij}-r_{it})$	A	EFEITO ALOCAÇÃO
1	72,2823139	-35,2823139	0,421908879	-14,88592	VCNE
2	43,9529655	-31,9529655	1,07605042	-34,383	VCNE
3	188,07437	26,9256299	0,898487367	24,19234	VCE
4	31,0994933	-19,0994933	6,766429137	-129,2354	VCNE
5	102,680037	-98,6800371	7,623021583	-752,2401	VCNE
6	0	0	0	0	
7	0	0	0	0	
8	5,06013133	-1,06013133	-1,5729927	1,667579	DCNE
9	8,67978731	-2,67978731	-0,93475177	2,504936	DCNE
10	16,5469988	4,45300121	0,176339286	0,785239	VCE
11	2,5485333	-2,5485333	-1,89855072	4,83852	DCNE
12	1,44047534	-1,44047534	-0,51282051	0,738705	DCNE
13	10,2310684	-10,2310684	-2,50180505	25,59614	DCNE
14	1,92063379	-1,92063379	1	-1,920634	VCNE
15	0,99725216	-0,99725216	-0,92592593	0,923382	DCNE
16	0	0	0	0	
17	35,0146314	-11,0146314	-0,0242616	0,267233	DCNE
18	368,281529	225,718471	-0,06513232	-14,70157	DCE
19	27,2951609	-13,2951609	1,549197758	-20,59683	VCNE
20	67,2960531	8,7039469	-0,0483419	-0,420765	DCE
21	0,07387053	-0,07387053	-108,5	8,014953	DCNE
22	34,1651203	-26,1651203	5,686756757	-148,7947	VCNE
23	11,0436443	-5,04364428	-0,64269788	3,241539	DCNE
24	6,02044822	-4,02044822	3,766871166	-15,14451	VCNE
25	0,29548212	-0,29548212	-3	0,886446	DCNE
26	0	0	0	0	

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS/MTE.